



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Isabel Sampaio dos Santos Ferreira

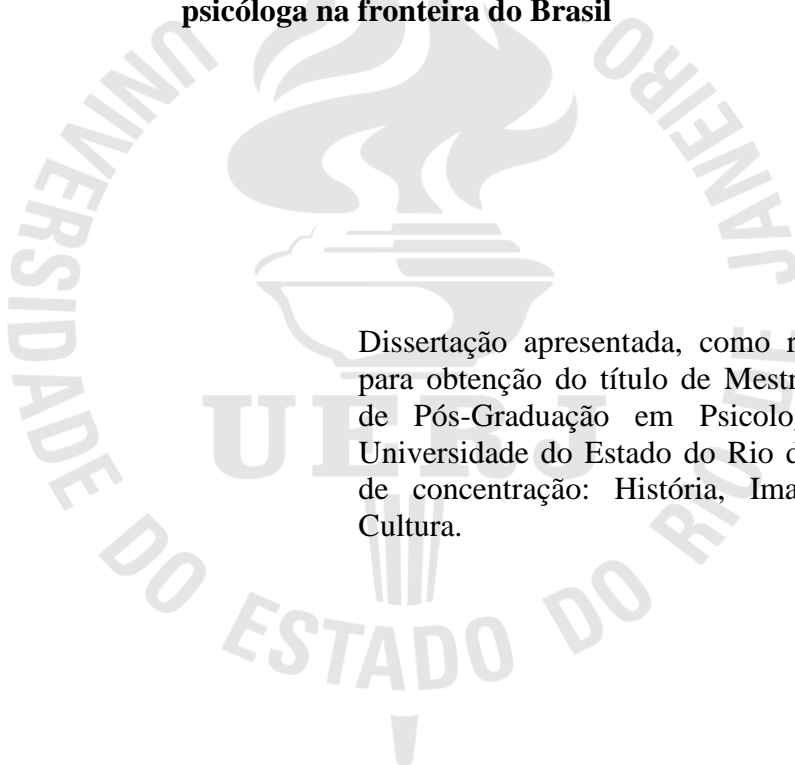
**Diário de bordo: narrativas sensíveis de cuidado como políticas de escrita
de uma psicóloga na fronteira do Brasil**

Rio de Janeiro

2023

Isabel Sampaio dos Santos Ferreira

Diário de bordo: narrativas sensíveis de cuidado como políticas de escrita de uma psicóloga na fronteira do Brasil



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História, Imaginário Social, Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Laura Cristina de Toledo Quadros

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F383 Ferreira, Isabel Sampaio dos Santos
 Diário de bordo: narrativas sensíveis de cuidado como políticas de escrita de
 uma psicóloga na fronteira do Brasil / Isabel Sampaio dos Santos Ferreira. –
 2023.
 80 f.

 Orientadora: Laura Cristina de Toledo Quadros.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Instituto de Psicologia.

 1. Psicologia social – Teses. 2. Escrita – Teses. 3. Diários – Teses. I.
 Quadros, Laura Cristina de Toledo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Instituto de Psicologia. III. Título.

br CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Isabel Sampaio dos Santos Ferreira

Diário de bordo: narrativas sensíveis de cuidado como políticas de escrita de uma psicóloga na fronteira do Brasil

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História, Imaginário Social, Cultura.

Aprovada em 14 de julho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Laura Cristina de Toledo Quadros (Orientadora)

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Débora Emanuelle Nascimento Lomba

Universidade Santa Úrsula – USU

Prof.^a Dr.^a. Luciana de Oliveira Pires Franco

Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof.^a Dr.^a. Marcia Oliveira Moraes

Universidade Federal Fluminense – UFF

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Aos encontros possíveis a bordo desta viagem-travessia.

AGRADECIMENTOS

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, em especial, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social pela possibilidade de realização do mestrado, sobretudo, no contexto pandêmico em que ainda nos encontramos e no qual se desenrolou toda esta pesquisa. Obrigada por resistir e, com isso, me ajudar a resistir, junto, também. Agradeço à cordialidade e prontidão dos funcionários da secretaria, e aos aprendizados dos professores do Programa, imprescindíveis neste percurso.

À querida orientadora, Laura Quadros, por toda sua generosidade, acolhimento, cuidado e afeto. Obrigada por acreditar em mim e na feitura a mãos deste trabalho, tecido com a sensibilidade e potência que você me ajudou a (re) conhecer. Obrigada por este doce encontro, presente da vida, que, tenho certeza, não foi por acaso. Minha admiração e carinho são infinitos.

Aos colegas do grupo de orientação pelas leituras, ideias, trocas e reflexões. Obrigada pela construção de um espaço coletivo de possíveis não modernos. Obrigada pelas pausas e respiros de minhas sextas-feiras.

À Marinha do Brasil e ao Núcleo de Assistência Social do Comando do 6º Distrito Naval por me proporcionarem aprendizados e fazeres da Psicologia, na interlocução com outros saberes, em uma região de fronteira. Agradeço aos desafios e descobertas, às vivências, aos encontros. Agradeço aos usuários e participantes dos projetos e programas sociais, aos pacientes que atendi, às histórias que pude acompanhar.

Às queridas assistentes sociais e amigas que dividiram os desafios e alegrias do dia a dia de trabalho em um Núcleo de Assistência Social. Obrigada, Thatiana, por sua doçura e acolhimento desde o primeiro dia; por ser minha família na virada do ano (e tantas outras vezes); por nosso laço virar rede. Obrigada, Laura, por sua alegria tão solar, iluminando a sala da frente; por segurar minha mão (literalmente) na construção do nosso fazer. Obrigada, Suzana, pela parceria, pelas caronas e abraços restauradores. Sem vocês, não sei se seria possível. Meu enorme respeito e gratidão.

Às amigas pantaneiras tecidas ao longo de minha vivência na região de Ladário e Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul. Obrigada por me receberem com tanto carinho, pelos convites e inclusão, por comporem os vínculos mais preciosos daqui. Obrigada pelos

almoços, corridas, viagens e casas. Pelas risadas, conversas, alegria. Obrigada a todos do grupo “Pastel Raiz”, em especial, à Melina, Juliana e Thati.

Às amigadas cariocas que, de alguma forma, se fizeram presentes mesmo na distância. Obrigada pelos ouvidos e abraços na ida e pelos sorrisos na volta. Obrigada pelos reencontros saudosos, pelos cafés, pela partilha e acompanhar da vida. Obrigada à Lara, Julinha, Natane, Fernanda, Ingrid, Laura, Mari e Rê.

Aos meus queridos pais, Marcia e João, por todo zelo e tanto afeto. Por todas as idas ao aeroporto, pela alegria a cada chegada. Pela comida preferida na mesa e o bom colo no sofá. Pelo brilho nos olhos e amor mais sincero, genuíno. Pelo incentivo e inspiração. Por serem família e, para sempre, meu lar. A saudade que mais aperta. O meu maior orgulho.

Ao meu doce companheiro, Tiago, pela transmissão de força e paz. Por tanto cuidado e amor. Por, podendo ficar, escolheu deixar seu porto seguro e se aventurar comigo em uma nova e inesperada travessia. Por, dos mares calmos aos mais turbulentos, seguir, junto, o mesmo caminho. Por ser meu refúgio e minha fortaleza.

A Deus e às guias espirituais pelo amparo e proteção. Por, quem sabe, “escrever certo por linhas tortas”. Obrigada por nunca me deixarem só.

A todos encontros, sensíveis e possíveis, que me ajudaram a conhecer, compor, habitar, construir, existir e resistir em um navegar sensível pela fronteira oeste do Brasil.

Ao (à) leitor (a) que chegou e, aqui, está. Obrigada por, gentilmente, embarcar comigo neste navegar. Meus sinceros agradecimentos pela companhia. E, assim, que possamos fazer boa viagem.

Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias.

Eduardo Galeano

RESUMO

FERREIRA, Isabel Sampaio dos Santos. *Diário de bordo: narrativas sensíveis de cuidado como políticas de escrita de uma psicóloga na fronteira do Brasil*. 2023. 80 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

O presente trabalho é uma proposição que busca registrar vivências de uma viagem-travessia e aposta no recurso metodológico do diário de bordo enquanto política de escrita possível no campo acadêmico, na contramão de modos modernos tradicionalmente pensados para se pesquisar e escrever em Psicologia Social. Sob a metáfora do navegar rumo ao desconhecido, repleta de desvios, surpresas, desafios e aprendizados, o diário se constrói a partir de pequenos encontros cotidianos e é apresentado por meio de narrativas de cuidado vivenciadas por uma psicóloga na região de fronteira do Brasil. A bordo de alianças companheiras, grandes inspirações, como a Teoria Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour; Ciência no Feminino, de Isabelle Stengers; noção de Versão, de Vinciane Despret; PesquisarCOM, de Marcia Moraes; e Pesquisa Artesanal, de Laura Quadros, seguimos as pistas do campo, lançando mão de um guia de viagem atento, aberto e disponível às afetações. Partindo da indissociabilidade entre pesquisa e vida, e despindo-se de certezas e a priori de ambas esferas, foi possível vislumbrar modos de conhecer, fazer, escrever e pesquisar na direção de uma Psicologia não moderna. Dessa forma, ao acompanhar histórias, o diário de bordo nos permitiu multiplicar as suas versões, produzir deslocamentos, estabelecer redes e conexões, legitimar a dimensão sensível, ressignificar as experiências e resistir pela via do afeto. Configura-se, por fim, enquanto uma política de escrita tecida a muitas mãos.

Palavras-chave: Política de escrita. Narrativas de cuidado. Psicologia não moderna. Dimensão sensível.

ABSTRACT

FERREIRA, Isabel Sampaio dos Santos. *Logbook: sensitive narratives of care as writing policies of a psychologist on the border of Brazil*. 2023. 80 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The present work is a proposal that seeks to record experiences of a journey-crossing and bets on the methodological resource of the logbook as a possible writing policy in the academic field, against the grain of modern ways traditionally thought to research and write in Social Psychology. Under the metaphor of navigating towards the unknown, full of detours, surprises, challenges and learning, the diary is built from small everyday encounters and is presented through narratives of care experienced by a psychologist in the border region of Brazil. On board of companion alliances, great inspirations, such as the Actor-Network Theory (TAR), by Bruno Latour; *Science in the Feminine*, by Isabelle Stengers; notion of Version, by Vinciane Despret; SearchCOM, by Marcia Moraes; and *Handmade Research*, by Laura Quadros, we follow the clues of the field, making use of a travel guide that is attentive, open and available to affectations. Starting from the indissociability between research and life, and stripping away the certainties and a priori of both spheres, it was possible to envision ways of knowing, doing, writing and researching towards a non-modern Psychology. In this way, by accompanying stories, the logbook allowed us to multiply its versions, produce displacements, establish networks and connections, legitimize the sensitive dimension, resignify experiences and resist through affection. Finally, it configures itself as a writing policy woven by many hands.

Keywords: Writing policy. Care narratives. Non-modern psychology. Sensitive dimension.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Avenida 14 de Março, Ladário-MS.....	26
Figura 2 –	Vista do alto.....	27
Figura 3 -	Passeio de barco no Pantanal.....	28
Figura 4 –	Corumbá vista de cima.....	29
Figura 5 –	Chegada de barco ao Porto Geral.....	30
Figura 6 –	Coreto no centro de Ladário.....	31
Figura 7 -	Rio Paraguai num dia de domingo.....	32
Figura 8 –	Pôr do Sol.....	33
Figura 9 –	Da janela do IHP.....	46
Figuras 10 e 11 -	Porto Geral de Corumbá.....	46
Figura 12 -	Avenida General Rondon.....	47
Figuras 13 e 14 -	Cristo Rei do Pantanal.....	47
Figuras 15 e 16 -	Feira Livre Brasil-Bolívia.....	48
Figuras 17 e 18 -	16º Festival América do Sul Pantanal.....	48
Figuras 19 e 20 -	“Prainha”.....	49
Figuras 21 e 22 -	Pratos típicos.....	50
Figura 23 –	Encontro rio e céu.....	75

SUMÁRIO

	NOTA DE ABERTURA AO (À) LEITOR (A).....	11
	INTRODUÇÃO: O PROTAGONISMO DA ESCRITA-DIÁRIO EM UMA ESCRITA A MUITAS MÃOS.....	13
1	MUDANÇAS DE PERCURSO: O MAR QUE DESEMBOCA NO RIO.....	19
1.1	Diário de bordo: marco inicial.....	19
1.2	Ancorar em meio ao desconhecido: seguindo as pistas do campo.....	25
2	LANÇANDO MÃO DE UM GUIA DE VIAGEM: APORTES METODOLÓGICOS AO LONGO DA TRAVESSIA.....	34
2.1	Do processo de escrita à Teoria Ator-Rede.....	34
2.2	O resgate de um fazer sensível: reconciliação com minha própria história.....	40
3	FLUTUAÇÃO SOB O INVISÍVEL: O ENCANTO SE FAZ NO COTIDIANO.....	44
3.1	Dos encontros à errância: o que te encanta?.....	44
3.2	PesquisarCOM na fronteira: um encontro no <i>entre</i>.....	54
3.3	Recortes de diário: o cuidado se fazendo em ações.....	64
	CONSIDERAÇÕES FINAIS: A VIAGEM CONTINUA DEPOIS DO PONTO FINAL.....	70
	REFERÊNCIAS.....	76

NOTA DE ABERTURA AO (À) LEITOR (A)

Caro (a) leitor (a), não estranhe se você se deparar, ao longo do texto, com palavras em itálico, das quais lanço mão, muitas vezes, para enfatizar uma ideia dentre tantas outras em determinada frase ou parágrafo. O destaque enquanto recurso de escrita, em meio ao diário, veio inspirado nos escritos das autoras Chimamanda Ngozi Adichie, em “O perigo de uma história única” (2019), e Lori Gottlieb, no best-seller “Talvez você deva conversar com alguém: Uma terapeuta, o terapeuta dela e a vida de todos nós” (2021). Nesses livros, encontrei palavras em itálico conversando com as demais em uma dança dinâmica capaz de suscitar pausas, costuras e reflexões. Essas leituras companheiras, apesar de não se apresentarem ou mesmo se comporem como um diário propriamente dito, me ajudaram a pensar no fazer de uma escrita diarística.

O (a) leitor (a) encontrará também notas que virão em meio aos capítulos, misturadas entre parágrafos, figuras e citações, a fim de situá-lo (a). Notas retiradas do meu diário de bordo – o qual logo será apresentado – que pinçam vivências que eu transformei em palavras. É como se em cada nota coubesse um pouco de mim por meio de uma história, memória, lembrete, explicação ou observação. Se eu puder fazer um pedido, não gostaria que fossem deixadas de lado em uma leitura apressada. Acredito que elas possam ajudar a compor uma viagem construída em um navegar que se faz não solitário a cada encontro.

Peço desculpas se eu estiver me alongando, afinal, temos um longo caminho a percorrer. Antes, sem mais

demoras, gostaria de fazer uma última ponderação: trago no texto o nome de pessoas, principalmente de mulheres, e também amigas, que, em diferentes momentos e contextos, ao me contarem ou compartilharem alguma coisa, me suscitaram reflexões. Todas as pessoas citadas permitiram e autorizaram que aparecessem nesta dissertação, marcando a escolha pela escrita de um de seus nomes, ou de apelidos, em consonância com o proposto por Vinciane Despret acerca do anonimato na pesquisa (2011b). É como uma das participantes afirma: “Não quero ser anônima, eu quero ser Melina”. E talvez isso já denuncie uma política de escrita que se faz e é feita nas páginas que virão a seguir.

INTRODUÇÃO: O PROTAGONISMO DA ESCRITA-DIÁRIO EM UMA ESCRITA A MUITAS MÃOS

No início, eu não sabia que seria um diário. Ainda me pergunto se, em algum momento, esta escrita se transformou em um, ou se ela sempre fora diarística, mas eu que só me dei conta disso um bom tempo depois.

De todo modo, posso destacar que a ideia nunca foi trazer trechos de diário para falar sobre eles, ou usá-los como instrumento de explicação, exemplificação, validação, reflexão ou análise. A proposta, aqui, é que o próprio desenrolar dessa escrita aconteça por meio de um diário de bordo, a pesquisa se fazendo imersa nele, a dissertação existindo por meio dele.

Assim, não haveria separação entre o que é ou não diário. Introdução, objetivo, método, teoria, relato de experiências, afetos e afetações do vivido... *Tudo* seria apresentado ao longo do diário, contado por meio do e *com* o diário. Escrever a dissertação enquanto diário, diário enquanto política de escrita para se fazer a dissertação, estratégia metodológica de pesquisa e modo de narrar o que *me* passa, *me* toca e *me* acontece – e não o que se passa ou o que se toca ou o que acontece, como diria Jorge Larrosa Bondía (2002) ao enfatizar a experiência como cada vez mais rara nos tempos atuais.

Neste contexto, o objeto de pesquisa do mestrado não foi fruto de uma escolha deliberada, a priori, mas de construções tecidas por encontros possíveis e sensíveis. Encontros com pessoas, animais e lugares; encontros com histórias e suas versões; encontros com minha orientadora e com seu grupo de orientandos; encontros comigo mesma em várias dimensões indissociáveis; encontros com a pluralidade da Psicologia; encontros com leituras, autores e *autoras*; encontros com palavras e silêncios; encontros com o meu processo de escrita.

Em minha qualificação de mestrado, em dezembro de 2022, sobretudo, um encontro especial com a banca, generosa e sensível na leitura, observações e proposições, se fez fundamental para uma nova guinada nesta travessia viajante: a atenção para o lugar protagonista que a escrita aparecia em meu trabalho, o destaque para a escrita como aquilo que aparecia de mais forte.

Apesar de a escrita ser trazida em muitos momentos do texto, eu não havia me dado conta de sua centralidade. Senti um misto de estranheza e medo, mais tarde identificados pela mesma razão: o trabalho havia se redirecionado, novamente, para outro foco, (me) exigindo, portanto, uma reconfiguração. Ainda assim, era inegável o sentido da escrita como

protagonista na pesquisa e em minha trajetória de vida pessoal. E fiquei muito grata por poder perceber e reconhecer sua forma de existência e resistência em cada página.

Permito-me, agora, a uma escrita sensível, ou seja, “aquela que aceitou com algum risco e coragem a partilha dos próprios medos e conquistas” (GUZZO et al., 2019, p.12), que se torna – não *apesar* disso, mas *exatamente* por isso – forte e potente. Uma escrita sensível que se faz possível, inclusive, dentro de espaços tradicionalmente marcados por discursos e práticas neutralizantes, universais e positivistas, como a ciência, a academia e a própria Psicologia. Espaços esses que, usualmente, não enfatizam a sensibilidade ou mesmo a destituem de legitimidade e valor.

Se escrever é um ato político e escrever sobre si detém uma dimensão política (OLIVEIRA, 2019), então a escrita por meio de diário pode ser também encarada como uma política de escrita. Para Guzzo et al. (2019), a escrita dos diários se fundamenta a partir daquilo que se vê e que se ouve, além da maneira como nos sentimos em determinadas situações.

Assumir o sensível enquanto campo abre a oportunidade para o surgimento de uma política de escrita de quem se sente afetado pelos acontecimentos. Não considero ser possível, tampouco desejado, um escrever alheio às experiências que me cercam, me compõem, me preenchem e me fazem. Se não posso me manter neutra ao pesquisar, do mesmo modo não posso garantir uma escrita distanciada das nuances do vivido. Vida e pesquisa são indissociáveis.

Aliás, retomando ao protagonismo de minha escrita, talvez pela timidez, escrever se torna uma forma possível de dizer. Escrevo para organizar minhas ideias e dar conta daquilo que sinto. Escrevo para comunicar algo a alguém, ou para conversar comigo. Nas palavras de Oliveira et al (2019), há uma “força que nos leva a registrar as coisas, os pensamentos. Escrever, entre privilégios e direitos é, talvez muito antes, uma necessidade de registro. Todos escrevemos e registramos nossa vida de alguma maneira” (p.180).

Ao compreender a escrita por meio do diário como uma possibilidade de escrita sensível na pesquisa, me autorizo também enquanto mulher, pesquisadora, psicóloga e militar – logo será clareado essa definição – sensíveis ao perceber, sentir, tocar e ser tocada pelo mundo. Essa política de escrita dá ênfase às afetações nos encontros cotidianos, permitindo resgatar e anotar aquilo que vai me impressionando, o que faz ou não sentido para mim e se torna experiência. Franco (2016) defende que “é no contar do cotidiano que se pode dar

atenção aos pequenos relatos e assim recolher preciosidades que estamos desacostumados a perceber” (p.70).

Tal política de escrita me posiciona (me posiciono) e se (me) transforma, portanto, em resistência e transgressão. Me convoca, me move e me desloca para outros lugares. Me convida ainda a outras possibilidades de pesquisar, ao enfatizar, por exemplo, a contação de histórias, no plural, a construção de narrativas como política de pesquisa.

Nesse jogo de escrever e pesquisar, de brincar com as palavras, “do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos” (Bondía, 2002, p.21).

Além disso, o diário pode ser compreendido como um recurso metodológico dentro desta pesquisa. A escrita-diário não separa minhas nuances sensíveis indissociáveis em minha vida e nesta dissertação: minha existência de ser mulher, minha trajetória como psicóloga, a experiência enquanto militar, e a vivência como pesquisadora servindo, pesquisando e vivendo na fronteira oeste do Brasil. O diário reúne e registra quatro momentos (re) configurados por uma mudança de rumo: minha movimentação, ou seja, transferência na Marinha do Brasil, do Rio de Janeiro para a cidade de Ladário, no estado de Mato Grosso do Sul.

Enquanto mulher – fato que merece ser destacado – pude vivenciar o habitar de espaços predominantemente masculinos sendo também militar, conhecendo os desafios e especificidades de ocupar esse campo; defender, enquanto pesquisadora de um trabalho em Psicologia Social, uma proposta de pesquisa não usualmente validada na esfera acadêmico-científica; e ampliar, como psicóloga, o olhar para práticas da Psicologia em diferentes áreas de atuação, e na interface com outros saberes profissionais, como o Serviço Social.

E, assim, foi composto uma escrita a muitas mãos: as mãos de mulher conversando e escrevendo *com* as de militar, psicóloga e pesquisadora. Mãos que foram, por sua vez, conduzidas, abraçadas, estranhadas, orientadas e afetadas por tantos outros encontros e com o próprio campo da pesquisa e da vida. O número de mãos é incontável. Sua potência, mais ainda, imensurável.

Apresento, portanto, este diário de bordo como apaziguador e como método, no qual é permitido destrinchar as afetações vivenciadas nesta mudança de cidade e de atuação profissional (tendo em vista que eu trabalhava no Rio de Janeiro em um hospital, ao passo que em Ladário se fez presente em um Núcleo de Assistência Social). Este diário se fez um grande

companheiro no registro de minha experiência em Ladário enquanto mulher, militar, psicóloga atuando na Assistência Social e pesquisadora.

Dentre tantos diários, a escolha pelo diário de bordo foi feita na compreensão de sua importância e funções. Originalmente usado nas navegações como instrumento náutico de expedições marítimas, para registrar anotações sobre os acontecimentos ocorridos durante as longas viagens ao mar, o diário de bordo teve seu uso ampliado, ao longo dos séculos, para processos de criação e ensino-aprendizagem, atuando também como fonte para pesquisas e/ou práticas pedagógicas em diferentes contextos (LARCHER, 2019).

A jornalista e historiadora Juliana Sayuri (TAB UOL) destaca o papel histórico do uso de diários para registrar acontecimentos e vivências, sobretudo, aquelas marcantes ou “traumáticas” de determinada época e sociedade, como as grandes guerras (por exemplo, “O Diário de Anne Frank”, no qual uma adolescente alemã de origem judaica retrata o isolamento de sua família durante a Segunda Guerra Mundial); o fim das ditaduras na América Latina, e após o regime do Apartheid, na África do Sul (abordados por meio de diversos relatos e narrativas pessoais); e a pandemia do novo Coronavírus (onde relatos e registros autobiográficos foram bastante explorados em blogs, lives animadas, timelines e projetos de universidades).

Seja sob o formato de relatos, narrativas pessoais ou até mesmo blogs (espécie de diário virtual, nos dias de hoje), Sayuri defende como o uso dos diários se tornou um documento histórico, inclusive, com alcance para fins de análise de uma dada época e para futuras pesquisas históricas. Desse modo, sobretudo, desde os anos 2000, “muitos historiadores acompanham atentos a tendência de testemunhos e a valorização da subjetividade dos sujeitos”. Nesse sentido, o uso de diários atua ainda na construção de uma história “mais humana” ou “história da vida cotidiana”, capaz de incluir sentimentos e percepções de diferentes grupos étnicos e estratos sociais.

Atualmente, o diário é utilizado como instrumento metodológico de pesquisa em diversos estudos qualitativos nas Ciências Humanas e Sociais, muitas vezes, pela roupagem e especificidades do diário de campo ou diário de pesquisa, quando há o objetivo de construção de conhecimento científico partindo de uma investigação (SILVEIRA; ALVES; AXT, 2010), em diferentes vertentes teóricas e áreas do saber, das quais não pretendo me alongar neste trabalho.

Pezzato, Botazzo e L’Abbate (2019) relembram também que o registro de eventos, sentimentos e percepções remonta à Antiguidade clássica, e que o uso de diários transcende à

pesquisa, estando presente no cotidiano das pessoas e configurando-se até mesmo como um estilo de ser, o que possibilita uma pesquisa implicada, ou melhor, afetada pelos encontros com o mundo.

Para tais autores, o diário funciona ainda como um dispositivo de intervenção, ao mesmo tempo, de pesquisa e pedagógico, uma vez que outras pessoas podem ler e interagir com os registros diarísticos e, por sua vez, elaborarem reflexões e construir redes próprias. Além disso, o componente pedagógico do diário na pesquisa permitiria o rever de projetos e suas perspectivas de formação.

Dessa forma, segundo Pezzato, Botazzo e L'Abbate (2019), o diário configura-se como uma escrita íntima provocada pela experienciação na pesquisa, capaz de assumir uma dupla função: a de ser uma escrita de ser, por trazer angústias, desencontros e ambiguidades no contato com o desconhecido; e a do seu papel reflexivo quanto ao trabalho de pesquisa e ao seu conteúdo pedagógico, uma vez que expressa “a capacidade de os sujeitos se desdobrarem na direção dos seus objetos e, neles, verem-se reconfigurados” (p.306).

Para os autores Borges e Silva (2020), o emprego de diários em pesquisa, aliados do (a) pesquisador (a), está atrelado, por um lado, ao acompanhamento de sua trajetória, evidenciando escolhas, percursos e desdobramentos, e, por outro, ao acompanhamento do processo de aprendizagem decorrente da pesquisa, atuando enquanto “um instrumento receptor e propulsor de pensamentos, interpretações, reflexões” (p.11).

No contexto de pesquisar, estes autores defendem que o diário carrega ainda a “ordenação das vivências como um esforço para compreendê-las, possibilitando ao pesquisador a apreensão do próprio contexto de vida e a experiência do ato de pesquisar em suas diferentes dimensões” (p.4). Desse modo, pode funcionar como um “elemento formativo e de autoanálise do estudante/pesquisador” (p.10), repercutindo, possivelmente, em seu “desenvolvimento, tanto profissional como pessoal” (SILVA; PASSOS, 2016, p.56).

Nesta pesquisa, em especial, o diário adquiriu contornos próprios e singulares, os quais gostaria de compartilhar. O protagonismo de minha (s) e tantas outras escritas se fizeram presentes ao longo de toda a dissertação.

O presente trabalho é, portanto, uma proposição que busca registrar vivências e aposta no recurso metodológico do diário de bordo enquanto política de escrita possível e legítima no campo acadêmico, engendrada por respiros não modernos e sustentada na contramão de modos modernos tradicionalmente pensados para se escrever e pesquisar em Psicologia Social, capaz de atuar também na produção de conhecimento.

Sob a metáfora do navegar em uma viagem-travessia, repleta de desvios, surpresas, desafios e aprendizados, o diário se constrói a partir de pequenos encontros cotidianos e é apresentado por meio de narrativas de cuidado vivenciadas por uma psicóloga na região de fronteira do Brasil. Meu convite, agora, é que possamos seguir *juntos* nesta jornada.

1 MUDANÇAS DE PERCURSO: O MAR QUE DESEMBOCA NO RIO

Quem escreverá a história do que poderia ter sido o irreparável do meu passado; (...) Se a certa altura eu tivesse me voltado para a esquerda, ao invés que para direita; Se em certo momento eu tivesse dito não, ao invés que sim. Se em certas conversas eu tivesse dito as frases que só hoje elaboro; Seria outro hoje, e talvez o universo inteiro seria insensivelmente levado a ser outro também

Fernando Pessoa

Nota: Fui apresentada a esta pérola literária por uma grande amiga da época da graduação, Flavinha, em um de nossos “papos janelares” – quando, em não raras vezes, a fala de uma seguida da fala da outra nos levavam a lugares imprevisos no início da conversa, ampliando nossas versões de mundo. Eram meados do primeiro semestre de 2021 e, diante de uma eminente mudança de rumo, Flavinha me lembrava dos possíveis na construção de *outro hoje*, e, quem sabe, amanhã.

1.1 Diário de bordo: marco inicial

Ladário, 09 de julho de 2021.

Para contar a história deste trabalho, sinto que é importante, primeiramente, situar e localizar esta pesquisa e, com ela, um pouco da minha própria história.

Começo este diário de bordo no dia de minha chegada a cidade de Ladário-MS. Outras datas poderiam ter sido lembradas e estabelecidas, como o dia em que ingressei na Marinha do Brasil enquanto psicóloga e oficial militar; o dia em que iniciei o mestrado em Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, com isso, esta pesquisa; ou, mesmo antes, o dia em que submeti um projeto de pesquisa, inclusive, totalmente diferente do qual se transformou, neste processo seletivo; o dia em que deixei o hospital em que trabalhava, já psicóloga e militar, para vir para uma região fronteira do Brasil; ou o dia em que soube que me mudaria, alguns meses antes da efetiva mudança, do Rio de Janeiro para Ladário, devido a uma movimentação no trabalho.

Escolho, entretanto, como marco zero deste diário, uma data significativa neste enredo. O dia 09 de julho de 2021 foi, ao mesmo tempo, o dia de partida de minha cidade natal, o Rio de Janeiro, e o dia de minha chegada ao novo desconhecido, Ladário. Dia emblemático no porto da vida. Chegada e partida, choro e despedida.

A primeira vez que ouvi esse nome, Ladário, foi durante o Curso de Formação de Oficiais da Marinha do Brasil (CFO), em 2019, ano de meu ingresso na Força. Eu havia sido aprovada no concurso público para oficiais de carreira do Quadro Técnico, que incluía, dentre diversas profissões, a minha: psicologia. Ao final deste curso, dez meses depois, saberíamos, enfim, para onde seríamos lotados, ou seja, onde iríamos trabalhar, lugar este espalhado por todo o Brasil.

Havia uma frase que ecoava pelos corredores e salas de aula: “quem não estudar vai pra Ladário!”. Apesar de ninguém saber ao certo a procedência ou veracidade desta fala, ela parecia funcionar quase como um mantra de estudo. Queríamos garantir boas notas e, quem sabe, uma classificação que nos livrasse de ser lotado em um *suposto* lugar ruim. Assim, Ladário, uma pequena cidade do estado do Mato Grosso do Sul, pertencente à região do Pantanal, às margens do Rio Paraguai e próxima à fronteira Brasil-Bolívia, era, sem dúvida, um dos destinos mais temidos ou menos desejados por nós como um todo, alunos, profissionais e militares em formação.

Ladário faz parte da área alfa (categoria A) da Marinha do Brasil. Tal denominação engloba certas regiões do país consideradas “localidades especiais”, ou seja, “regiões inóspitas, seja pelas condições precárias de vida, seja pela insalubridade” (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2006, Art. 1º), levando-se em conta os seguintes aspectos: saúde; habitação; educação; serviços e saneamento básico; apoio de outras organizações militares; apoio de outros órgãos e entidades da administração pública; transporte e meios de acesso a centro desenvolvido mais próximo; comércio e lazer; incidência de doenças e epidemias; e importância estratégica e outros fatores relevantes (Art. 6º).

Por pertencer ao Pantanal, sempre ouvi histórias quase lendárias sobre servir e morar em Ladário, com direito a animais exóticos, como algo parecido com uma barata do tamanho de um sapato, ou estradas sujeitas à presença de onças, veados e jacarés.

Era fevereiro de 2021. Dois anos após esse primeiro contato, quando eu já trabalhava em um hospital militar de alta complexidade, localizado na cidade do Rio de Janeiro, atuando diretamente na área de psicologia hospitalar, circulou uma mensagem em diferentes Organizações Militares (OM) da Marinha por vários estados do país. Pedia-se a indicação de

um psicólogo para servir no Comando do 6º Distrito Naval (Com6ºDN), localizado na cidade de Ladário. Ainda que não voluntária, o meu nome foi aquele que, ao final, permaneceu na designação para esta comissão.

Dentro do meu antigo ambiente de trabalho, as pessoas sempre reagiram com palavras, interjeições e silêncios à notícia. A maior parte fazia expressões faciais condizentes a sentimentos de pena, numa postura solidária à minha situação, por vezes acompanhadas de um “vai passar rápido” ou de um abraço no olhar. Outras pessoas tentavam descontraír e levar na esportiva, eu supunha, fazendo algumas piadas sobre a pacata cidade, das quais eu nunca entendi muito bem a graça.

Certa vez, um paciente idoso muito querido, militar da reserva que eu acompanhava durante seu tratamento na hemodiálise, ao saber da minha movimentação (termo referente à transferência de OM) para Ladário, admitiu: “na minha época, as pessoas paravam lá por punição”. E logo se calou, como quem aguardasse uma confissão da minha parte. Mas eu, realmente, não tinha nada a dizer. Não era disso que se tratava.

Foi com grande surpresa que, agora já recentemente, em 2022, fui apresentada ao episódio 54 da telenovela *Bambolê*, escrita por Daniel Más e exibida da TV Globo de 1987 a 1988 (MEMÓRIA GLOBO), no qual encontrei uma menção à cidade de Ladário. A trama remonta aos tempos finais da década de 1950 e, em uma cena, um dos personagens, Luís Fernando, oficial da Marinha do Brasil, aparece indignado ao ter conhecimento de uma possível movimentação para Ladário.

O militar e o amigo trocam afirmações de cunho pejorativo em relação à cidade, como: “Mas isso não é uma transferência, é uma punição”, “Ladário é um porto fluvial, é o fim do mundo”, “como a gente costuma dizer: fim de carreira”, ou “isso é pior que ir pra Sibéria, pior que ser preso ou rebaixado, qualquer coisa”. Na mesma cena, o amigo adverte o oficial para ter precaução, e ambos conjecturam o porquê e “quem pode estar querendo me afastar desse jeito”.

A cena chega a ser cômica pela sua dramaticidade em relação à possibilidade de vinda para região pantaneira (tempos depois, compartilhei-a com meu grupo de amigos desta, que contaram também outras histórias neste contexto). O que mais me chamou a atenção foi como, décadas após a transmissão da novela e, mais ainda, à época em que ela remete, ouvir coisas semelhantes àquelas descritas na cena no curso de formação de oficiais, em 2019, e mesmo nos anos seguintes. Isso me levou a refletir sobre como uma história pode se perpetuar e ganhar tanta força, sendo recontada ao longo dos anos.

Tudo isso me ajudou, pouco a pouco, a *construir* um imaginário de Ladário enquanto um lugar menor ou ruim, no sentido mais polarizado e estereotipado que tais termos pudessem assumir. E é assim, segundo Chimamanda Ngozi Adichie (2019), escritora e renomada pensadora do contemporâneo, “que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (p.22). A história (quase) única de Ladário crescia repleta de estereótipos, “e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (p.26).

A referida autora narra, a partir do relato de histórias pessoais vivenciadas na infância, época em que morava na Nigéria e ainda não havia saído de seu país, como, ao consumir a cultura britânica pelos livros dos quais lia, acabava por reproduzi-los em sua escrita, desdobrando-se na construção de sua própria subjetividade. Com o passar do tempo, a história única dos livros deu lugar à história única da pobreza, da África, de catástrofes, dos mexicanos... Adichie nos mostra “quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história” (p.13), alertando para o perigo quando uma história (pré) dominante cala outras possibilidades narrativas, e, até mesmo, faz “desaparecer possibilidades de vida, de existências” (MORAES, TSALLIS, 2016, p.42).

Já Vinciane Despret (2013), importante filósofa e psicóloga belga, por sua vez, traz a noção de “versão” ao contrastá-la com a de “tema” para se pensar em termos de tradução. Enquanto esta última responde ao “mais verdadeiro”, àquilo de mais fiel ao texto original, a versão carrega em si mesma uma multiplicidade de sentidos, significações e possibilidades, permitindo divergências e diversidades. Neste sentido, “o tema atesta da reivindicação de uma significação única e que tem o poder, por ela mesma, de se impor. A tradução em versões, em revanche, consiste em unir juntas relações de diferenças” (p.4).

Além disso, para tal autora, as versões são traduções que ganham particularidades da pessoa que traduz e, portanto, implicam em escolhas e tomada de decisões por aquele que narra uma história. Nestes termos, as versões ligam-se às práticas e carregam consigo o aspecto parcial e provisório (LAW; MOL, 2013) daquilo que advém de determinado local, da situação, do campo. A versão nos indica que o conhecimento é, portanto, situado, como diria Donna Haraway (1995), e, logo, nos convida a descentrar, a sairmos de uma referência dominadora para multiplicarmos outros possíveis: versões de histórias que o vivido poderia assumir.

Partindo da contribuição dessas pensadoras, me dou conta como a história (quase) única de Ladário talvez me fechasse em uma tradução temática, ao passo que as versões poderiam me auxiliar em um movimento inverso pela abertura de referenciais, conduzindo-me “a tornar perceptíveis mais experiências, a cultivar equívocos, em suma, fazer proliferar histórias que nos constituem como seres sensíveis, ligados aos outros, e afetados” (DESPRET, 2013, p.7).

E, de fato, não havia uma *história única* de Ladário, reconheço. Outras versões de Ladário, ainda que em quantidade expressivamente menor do que a primeira versão, àquela dominante, foram se desenhando pouco a pouco para mim, tecendo mais elementos para essa (s) trama (s). Algumas pessoas, que já haviam morado ou tinham conhecidos na região, tentavam me incentivar.

Assim, tive conhecimento sobre as vantagens de servir em área alfa, como o pagamento da Gratificação de Localidade Especial (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2006) e a redução do tempo de ida para a reserva em 8 meses a cada dois anos; o fato das distâncias entre trabalho e moradia serem, em geral, curtas; o fluxo reduzido de veículos nas ruas, impactando no tráfego e no trânsito; a segurança, comparado aos índices de violência de cidades grandes; a hospitalidade das pessoas; e o contato com a belíssima natureza do Pantanal. Eu ouvia dizerem: “lá é muito bom, tranquilo... Você gosta de pescar?”. Ou então: “tenho certeza que você vai gostar! Tem gente que vai a trabalho e quer ficar por lá de vez”. Mas confesso que eu não *queria* acreditar nessa possibilidade de história, nessa versão. O meus referenciais de cidade, de lazer e de beleza eram outros.

Apesar disso, eram, ainda, muitas mudanças inesperadas para processar em um curto espaço de tempo: mudança da cidade do Rio de Janeiro, local onde fui nascida e criada, e do local de trabalho. Saída da casa dos meus pais, do meu *lar!* Morar sozinha. Morar junto com meu namorado que, com isso, tornara-se meu companheiro. Morar em uma região fronteira pertencente ao Pantanal, repleta de relatos de histórias únicas. Pode até soar meio bobo, mas para quem nunca havia saído de seu bairro até então, posso afirmar que foi um baque e tanto.

Recebi a notícia de minha movimentação no trabalho na mesma semana em que meu pai passava pelo processo cirúrgico de gastrectomia total devido a um câncer descoberto dois meses antes. Para além da cidade, do trabalho, do mestrado, este afastamento me doeu muito. Parecia que todas estas notícias, juntas, se materializavam como um difícil luto dentro de mim. Ainda neste cenário, uma pandemia nos lembrava o tempo todo de sua incansável presença.

Acredito que sair da casa dos pais já seja, por si só, um ato de coragem que compõe uma fase marcante da vida. Afinal, crescer não é fácil. Sempre imaginei que tal saída fosse muito bem planejada, preparada, talvez até marcada por um ritual simbólico. Deixar minha casa e meus pais, assim, de repente e no susto, foi um processo muito doloroso tanto para mim quanto para eles, tenho certeza.

Mas como, certa vez, minha mãe bem me sinalizou: “a vida é feita de ciclos que começam e terminam, sem que, muitas vezes, a gente seja avisado de seu começo ou de seu fim, ou ainda que possamos ter a oportunidade de nos despedirmos deles”. E acho que, apesar de tudo, eu pude me despedir. Ou melhor, pude dizer para os meus lugares preferidos e pessoas mais importantes: *até breve!*

Desnorteada, (precisei) seguir em frente, afinal, “navegar é preciso, viver não é preciso”, já nos diria Fernando Pessoa. Era necessário ir à diante em um navegar, ao mesmo tempo, imprescindível e minimamente consistente em meio às turbulências intrínsecas à travessia. Era necessário, do mesmo modo, seguir o fluxo da vida inerentemente inundada pelos contratempos e incertezas. Quando navegar e viver se misturavam, e independente do que fosse *preciso*, exigia-se, antes de tudo, uma disponibilidade minha, enquanto viva-navegante, em acompanhar as águas do vivido.

Um dia, quando ainda estava no Rio de Janeiro, durante meu período de trânsito (período destinado às providências da mudança, entre minha saída do antigo trabalho até minha chegada e apresentação ao novo), minha orientadora, Laura Quadros, pontuou que minha pesquisa *já* estava acontecendo. Naquele momento, eu só conseguia pensar como minha ideia inicial de pesquisa havia *acabado*, uma vez que meu pré-projeto era acerca da lógica do cuidado no contexto hospitalar, e eu não trabalharia mais com psicologia hospitalar.

Desaguava num porto desconhecido, no qual não sabia o que poderia encontrar. O que me espera por lá? Não sabia onde seria lotada para trabalhar, em qual área da Psicologia. Senti muito medo. Pensava: talvez não seja mais em hospital, na saúde. E se eu for parar no ensino? Ou na assistência social? Ou em um esquadrão? Quais práticas em psicologia e pesquisa serão possíveis neste novo campo? O que vai *ser* da minha pesquisa agora?

Em meio às inconstâncias, uma pista deixada por Despret (1999) ecoava inexplicavelmente valiosa: para dar conta das controvérsias, se faz necessário multiplicar as versões, propô-las e narrá-las. A autora (2016) salienta ainda como as narrativas geram histórias, e como estas ganham importância à medida que afetam aquilo que se conta e,

sobretudo, aquilo que se observa. A partir de então, era com isso que eu queria ficar: com a possibilidade de poder ver, ouvir e contar mais coisas.

Sem saber ao certo qual rumo tomar nessa travessia, compartilho minhas afetações e devaneios, desejando apenas que este navegar traga, como diriam meus colegas marinheiros, “bons ventos e mares tranquilos”. Deixando de lado qualquer certeza ou garantia, da pesquisa e da vida, sigo *tentando deixar* o campo me surpreender... Afinal, minha pesquisa é viva e ela *já* começou.

1.2 Ancorar em meio ao desconhecido: seguindo as pistas do campo

Mergulhe no que você não conhece como eu
mergulhei. Não se preocupe em entender.
Viver ultrapassa qualquer entendimento.
Clarice Lispector

Era início de agosto de 2021, em um dia comum...

“Assim que o despertador tocou, nesta manhã, me senti especialmente emotiva. Vai fazer um mês que saí da minha cidade e da casa dos meus pais. Ainda estranho chegar em casa e ouvir o silêncio. Aqui é um lugar bastante silencioso. Cidade pequena tem suas vantagens. Nada de buzinas, nenhum barulho no caminho. Abro a porta e nada do som da televisão já ligada. Como eu reclamava daquela televisão! Prometi a mim mesma que minha casa não teria TV. Agora, chego e é a primeira coisa que ligo. Preencho-me com o som que eu ouviria lá, junto deles. Sintonizo no mesmo canal e imagino os comentários que seriam ditos ao longo da novela. Cada voz com sua entonação. Rio sozinha. Não sabia que era tão forte o som da saudade”.

Nota: Texto produzido por mim em um dos exercícios de escrita da disciplina “Teoria Ator-Rede: escrita como laboratório”, da professora Alexandra Tsallis, no meu segundo período de mestrado. A proposta da atividade era escolher um sentido – assim, escolhi a audição, ou melhor, ela me escolhera – para descrever uma experiência do cotidiano sob a perspectiva do sentido escolhido. Decido contar minha vivência pelas ruas da cidade até a chegada em minha nova casa a partir dos sons e silêncios que me acompanhavam.

Recorrendo outra vez à Chimamanda, e partindo de sua proposta na qual “é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa” (ADICHIE, 2019, p.33), gostaria de trazer para este texto um pouco de minhas primeiras descobertas e impressões na chegada ao novo porto. Impressões permeadas por todos os sentidos do meu corpo.

Ladário é considerado, informalmente pelos moradores, um bairro de Corumbá, ainda que sejam municípios independentes (Figura 1). A conexão entre elas é tanta que, no dia a dia, é quase como se uma fosse o prolongamento da outra.

Figura 1 – Avenida 14 de Março, Ladário-MS



Parte central da principal avenida de Ladário, Avenida 14 de março: a via do lado esquerdo é margeada pelo Rio Paraguai e dá acesso à cidade de Corumbá. Já a da direita tem, ao seu final, a entrada do Comando do 6º Distrito Naval da Marinha do Brasil.

Fonte: Foto de autoria própria, 2021.

As cidades estão localizadas na região oeste do Mato Grosso do Sul e a, aproximadamente, 12 km da fronteira com a Bolívia, na cidade de Puerto Quijarro. Situam-se, portanto, na Fronteira Oeste Brasileira, no vale do Rio Paraguai, o que lhes confere uma localização estratégica, sobretudo, devido à sua facilidade de acesso tanto ao Estuário do Prata quanto à Região Amazônica (MARINHA DO BRASIL; PREFEITURA MUNICIPAL DE LADÁRIO).

Geograficamente, boa parte desta região encontra-se dentro do território brasileiro do Pantanal Matogrossense, e se constitui no prolongamento natural do Chaco Boliviano. É formada por uma grande planície, sendo a bacia do Rio Paraguai composta, majoritariamente, por rios de planície (MARINHA DO BRASIL).

Historicamente, a fundação de tal região data de 1778, no intuito de conter a invasão de espanhóis, por meio da fronteira brasileira, em busca de metais preciosos. Foi então construído um conjunto de fortes a oeste da colônia portuguesa, visando preservar sua conquista territorial até então a oeste do meridiano de Tordesilhas (MARINHA DO BRASIL; PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ).

Passada a Guerra do Paraguai (1864 a 1870), quando a atual Corumbá (Figura 2), cenário de sangrentas batalhas deste período, foi ocupada e destruída, a região pôde ser reconstruída, em 1870, momento de maior desenvolvimento local com a chegada de imigrantes europeus e sul-americanos. Em 1850, houve a elevação a título de município, devido à importância comercial e econômica pelo tráfego fluvial no Rio Paraguai. A região se tornou um grande porto de escoamento de insumos e mercadorias na chegada e saída da fronteira brasileira e, em 1930, Corumbá tornou-se o terceiro maior porto da América Latina (PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ).

Figura 2 – Vista do alto



Vista do alto do Porto Geral de Corumbá, em 2021.

Fonte: Foto de autoria própria, 2021.

A influência fluvial nesta dimensão se deu, sobretudo, até a década 1950, quando a integração da região ocorria por meio dos rios Paraguai, Paraná e Prata. Aos poucos, entretanto, o polo comercial da região se deslocou para a cidade de Campo Grande, a partir da chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, no início do século XX. Com isso, Corumbá precisou se adaptar, investindo esforços mais na exploração mineral e na agropecuária (PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ).

Já no final da década de 1970, o turismo se lançou como uma das principais atividades econômicas da região, com foco no desbravar do Pantanal, atraindo a atenção de turistas de todo o Brasil e do mundo, interessados na prática da pesca e em conhecer de perto as belezas deste rico bioma, através de passeios de barco (Figura 3). Neste contexto, a cidade de Corumbá se tornou reconhecida como a “Capital do Pantanal” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ).

Figura 3 – Passeio de barco no Pantanal



Passeio turístico de barco pela natureza do Pantanal, realizado logo em minha primeira semana em Corumbá. Fonte: Foto de autoria própria, 2021.

Minha chegada à região se deu no pequeno Aeroporto Internacional de Corumbá. Logo, senti o primeiro impacto de embarcar, vindo de uma cidade grande, em uma cidade com proporção consideravelmente menor, segundo meus referenciais metropolitanos (Figura

4). A origem do nome Corumbá vem do tupi-guarani e significa “lugar distante” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ).

Figura 4 – Corumbá vista de cima



Minha primeira foto da cidade de Corumbá, tirada da janela do avião, momentos antes da aterrissagem, no Aeroporto Internacional de Corumbá, em 09 de julho de 2021.

Fonte: Foto de autoria própria, 2021.

Corumbá é uma cidade com vasta extensão territorial, sendo, sob especificamente este aspecto, o maior município do Mato Grosso do Sul (PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ). Engloba um centro urbano e muitas áreas rurais mais afastadas, composta por fazendas, balneários, aldeias indígenas, comunidades ribeirinhas e boa parte da vegetação do Pantanal. O tamanho de Corumbá, para além de sua parte central, impressiona, com a existência de povoados isolados fisicamente e acessados apenas por meio do transporte fluvial, em viagens de até 12 horas de barco, ou mesmo aéreo.

Figura 5 – Chegada de barco ao Porto Geral



Vista do Porto Geral de Corumbá, retornando de um passeio de barco.
Fonte: Foto de autoria própria, 2021.

A primeira vez que tive acesso, de carro, à entrada da cidade (meses depois de minha chegada e após uma viagem de aproximadamente 4 horas e meia até Bonito — incrível cidade, famosa pelo seu ecoturismo, distante 350 km de Corumbá, da qual tive o prazer de conhecer) foi marcante pela minha constatação da dimensão de Corumbá. Passado o pedágio, indicação da entrada na cidade, percorri ainda cerca de 50 minutos sob a pista em meio a um cenário único rico em vegetação e permeado por placas alertando os limites de velocidade e o perigo da possibilidade de animais na pista, lembrando os humanos de respeitar a natureza do Pantanal.

Já Ladário (Figura 6), por sua vez, foi criado na qualidade de distrito em 1896, ocasião em que foi anexado ao município de Corumbá. Em 1953, recebeu sua emancipação político-administrativa, tornando-se um município independente. Em relação ao aspecto econômico, sua população vive das atividades de pesca, pecuária, transporte de navegação e do turismo ecológico, de pesca e de contemplação em torno da região do Pantanal. Um ponto que denota importância ao município é por possuir o único terminal multimodal do Centro-Oeste, garantindo, ao mesmo tempo, acesso ferroviário, rodoviário e hidroviário por meio do Rio Paraguai (PREFEITURA MUNICIPAL DE LADÁRIO).

Figura 6 – Coreto no centro de Ladário



Coreto na Avenida 14 de março, em Ladário: ponto de referência e local de encontros na cidade, como na concentração de pessoas durante campanhas e ações promovidas pela Prefeitura de Ladário e demais órgãos públicos.

Fonte: Foto de autoria própria, 2021.

Ladário e Corumbá são típicas cidades pequenas. Com o predomínio de casas e poucos prédios, todos baixos, salvo exceção. Não há aqui aquele aspecto verticalizado de cidade grande. Senti falta daquela vista de cima da cidade por uma janela de um andar alto de prédio, como onde eu morava. Não me lembro de ter visto ou entrado em nenhum elevador. Ar de interior. Comércio locais. Cidade calma, silenciosa. Poucos ônibus. Sem trânsito. As pessoas circulam, em sua maioria, de carro ou moto. Talvez pelo clima quente e seco da região, não sei. Pensei que talvez seja útil aprender a dirigir por aqui. Tranquilidade. O Rio Paraguai testemunhando tudo (Figura 7).

Figura 7 – Rio Paraguai num dia de domingo



O Rio Paraguai testemunhando *se fazer* lazer em um dia ensolarado de domingo na cidade de Corumbá: banhos de rio, pesca, passeios de barco, famílias e rodas de amigos confraternizando ao som de música e do famoso tereré – bebida típica da região – compõem o cenário.

Fonte: Foto de autoria própria, 2021.

Ao comentar, certa vez, que a cidade era pequena, ouvi de um corumbaense: “Pequena? aqui é a 11ª maior cidade do Brasil em extensão geográfica! Aqui há fazendas do tamanho de um município!”. Saí daquele encontro me perguntando: o que mesmo eu insisto em chamar de pequeno? Lembrei novamente da Chimamanda: “Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso” (ADICHIE, 2019, p.33).

Neste cenário, as distâncias são percebidas de modo muito relativo pelas pessoas daqui, em geral. Acostumados com tudo perto, morar em Corumbá e trabalhar em Ladário, por exemplo, percorrendo um trajeto de 15 a 20 minutos de carro, pode ser considerado, para alguns, como “muito longe”. Apesar disso, viajar de carro ou ônibus para a capital do estado do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, a 427 km de distância, a fim de passear e ter acesso a lazeres de cidade grande, como shoppings, cinemas e teatros, pode ser encarado como “logo ali”.

Nesta região de Ladário/Corumbá, há organizações militares das três Forças: Marinha, Exército e Aeronáutica. Ouvi uma vez: “a cidade existe *por causa* delas”. Me chama a atenção certa admiração das pessoas daqui, um misto de curiosidade com quase

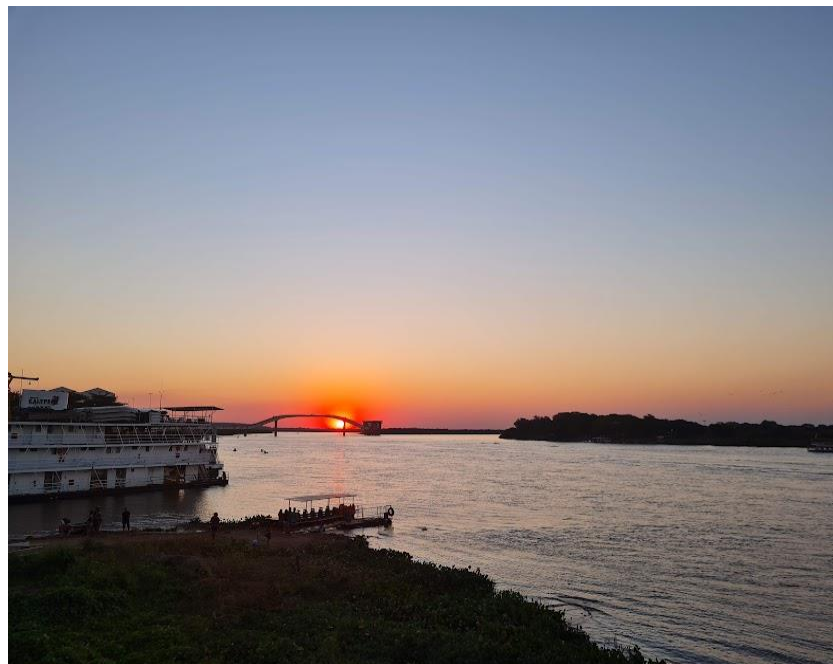
encantamento, com o fato de eu ser militar, algo que não percebia no Rio de Janeiro, onde, por muitas vezes, eu ocultei esta informação sobre mim, por questões de segurança. Já, aqui, comecei a achar, gradativamente, mais natural me identificar e responder que eu era sim militar. Psicóloga militar. E tudo bem.

Não sei exatamente porque, mas, aparentemente, facilmente percebem que não sou daqui. Não é incomum suporem que vim para cá *servir*, ou, mais frequentemente, *acompanhar* algum militar a trabalho. Noto como várias mulheres, esposas de militares, costumam acompanhá-los em suas movimentações.

Ainda no que tange a este aspecto, vale ressaltar que em minha primeira semana de adaptação à nova realidade, contei com a presença de meu companheiro, também militar, que viera me apoiar neste processo de mudança. Constato que talvez a possibilidade de um homem acompanhar uma mulher seja, ainda, consideravelmente menos cogitada.

Seguindo minhas primeiras observações, repletas de afeto, me deparo nas ruas com pessoas acolhedoras. Escuto sotaques de todas as regiões do país, além do espanhol trazido pelos bolivianos. Margeando o Rio Paraguai encontro belas aves, como araras e o tuiuiú (ave símbolo do Pantanal), micos, capivaras, jacarés e uma infinidade de espécies de peixes. E quem diria que eu poderia, também, me maravilhar com o pôr do sol do Pantanal (Figura 8). Sim, o rio da vida continua desaguando. Paro, respiro e aceito o fluxo de seu devir.

Figura 8 – Pôr do Sol



Vista de um belo e avermelhado pôr do sol às margens do Rio Paraguai.
Fonte: Foto de autoria própria, 2021.

2 LANÇANDO MÃO DE UM GUIA DE VIAGEM: APORTES METODOLÓGICOS AO LONGO DA TRAVESSIA

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Manoel de Barros

2.1 Do processo de escrita à Teoria Ator-Rede

Antes de seguirmos viagem, uma breve pausa, primeiramente, para contar um pouquinho sobre meu processo de escrita.

Minha primeira lembrança de escrever vem da escola. Português era uma de minhas disciplinas preferidas. Eu gostava das aulas de redação. Era o meu momento de passar para o papel tudo aquilo que dançava em meus pensamentos. As ideias ganhavam contornos vivos, repletos de cores, sons e sensações. Logo se transformavam em palavras, materializadas em meus cadernos. Escrever parecia tão fácil, simples. Só precisava de lápis e papel. O restante corria fluido como as águas de um rio, chamando a atenção de quem tivesse tempo para ali observar.

Certa vez uma professora do primário resolveu, ao dar a devolutiva das redações que passara na aula anterior, ler em voz alta algumas que considerava bem escritas, como uma espécie de inspiração ou exemplo para a turma de como escrever. Ela passava redações com uma frequência que, em minhas memórias infantis, parecia demasiada, e, muitas vezes, escolhia a minha redação para ler. A sensação de minha escrita transmitida por outra voz, com outra entonação, ecoando por todos os cantos da sala e atingindo meus colegas soava, ao mesmo tempo, estranha e assustadora. Não compreendia aquela tradução.

Eu gostava muito dessa professora e me sentia orgulhosa pelos elogios, apesar da timidez em recebê-los. Mas aqueles, naquele momento, em voz alta e na frente de todos, me deixavam constantemente constrangida, pedindo em pensamento para aquela cena acabar o

quanto antes. Um dia, a tristeza me tomou conta. Minha escrita me afastou dos meus colegas e eu virara “a queridinha da professora”. Não queria mais escrever assim.

Minha mãe, protetora, decidiu conversar com minha professora e pediu, delicadamente, para que ela não me elogiasse mais em público. Eu detestei e discuti com a minha mãe. Não queria ser também “a filhinha da mamãe”, já seria demais para mim. A professora, por sua vez, ficou surpresa e nunca mais teceu comentário algum sobre a minha forma de escrever. Desfecho desastroso na cabeça de uma criança, sensível, de 9 ou 10 anos de idade: “minha professora não gosta mais de mim”, lamentei.

Hoje, resgato essa história e acho curioso como a escrita sempre navegava por e com afetos. O que eu sentia ao escrever e ao ouvir minha escrita. Ser querida ou não, elogiada ou não. Escrever me ligava ao mundo por meio de várias alianças: com o lápis, papel, redação, imaginação, memória, criatividade, professora, colegas de turma, mãe, elogio, timidez. Desse modo, escrever me conectava com o “engendramento de realidades, de processos de mútua afetação que não são explicáveis, mas que fazem fazer, isto é: máquina de escrever, computador, mortos, animais, que produzem e são produzidos na prática da construção do texto” (LOMBA; QUADROS; SOARES, 2015, p.32).

O tempo passou e minha escrita foi se tornando um tanto mais discreta, contida, só para mim. Gosto de pensar e escolher palavras, de procurar sinônimos, outras formas de falar a mesma coisa. Gosto quando consigo escrever até vir uma sensação boa como de quem admira uma paisagem ou um raro encontro. Sensação cada vez mais difícil de revisitar, infelizmente, no mundo adulto. A escrita se transformou e eu também, por meio ou junto dela. Ganhou meandros mais exigentes, preocupados, duros. A objetividade acadêmica e a neutralidade científica alagaram meus cadernos. À deriva me vi, então.

Partindo então da minha vivência de escrita na academia durante a graduação em Psicologia, na qual ingressei em 2010 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a convocação à técnica me trazia exigências novas, polindo uma certa fluidez navegante na ânsia por um enquadramento objetivo, certo e supostamente (mais) verdadeiro. Minhas exigências pessoais encontraram coro nas exigências acadêmicas, e o afeto mais predominante ao escrever passou a ser o medo de errar ou a vergonha por possíveis julgamentos. A escrita, de tão técnica, se perdia de minha própria sensibilidade, se descolava dos sentidos do meu corpo e se desconstruía do mundo.

Moraes e Tsallis (2016), ao problematizarem a escrita no campo acadêmico, sobretudo, no contexto de produção de pesquisas, indicam como o “estilo da escrita, mais do

que estar em consonância com as exigências próprias ao método da pesquisa, passa a estar submetido a uma única concepção de escrita, aquela que recebe a insígnia de científica” (p.42).

O conhecimento, assim, precisava ser puro e neutro, marcado por comprovações empíricas ou racionais, impregnado por teorias e pelo predomínio do intelecto, verticalizado na distribuição do saber e do poder, passível de generalizações tendentes ao reducionismo. A ciência estabelecia parâmetros “a partir dos fatos ou a partir de categorias oriundas do entendimento humano ou de um ‘paradigma’ disciplinar” (STENGERS, 1989, p.6). E a mim, naquela época, cabia apenas embarcar em águas que, apesar de frias, me prometiam a segurança de um porto seguro, mas dificilmente possível de ser, na prática, garantido.

Foi após minha graduação, entretanto, quando tive contato pela primeira vez, por meio de minha orientadora Laura Quadros, com a Teoria Ator-Rede (TAR), a partir de textos do filósofo e cientista social Bruno Latour. Tratava-se de uma proposta ousada de se fazer escrita e, também, pesquisa.

Diferente de outras abordagens mais tradicionais em ciências sociais, a TAR, logo de cara, me rebateu com provocações em torno de certezas aparentemente já estabelecidas. Longe de apresentar explicações, causalidades, generalizações ou qualquer promessa por estabilidade, e, ainda, sem a pretensão de me convencer, a TAR foi se apresentando enquanto outra proposição de se pensar e fazer. Com certo susto e encantamento, embarquei, assim, nesse seu convite instigante e desafiador.

A TAR me fez ampliar o olhar para o além do humano, ou melhor, para o lugar dos não humanos na interface com o humano. Para tal, conheci a noção de ator, destaque na TAR, entendido como tudo aquilo que faz coisas, faz fazer, e com isso, faz *diferença* (LATOURE, 2012). Ator como tudo dotado agência, que acarreta transformações, podendo tanto ser humanos quanto não humanos. Atores heterogêneos, híbridos, agentes e moventes. Atores que se associam e articulam, compõem redes e produzem efeitos no mundo (LATOURE, 1994 *apud* QUADROS, 2015).

Neste bojo, os objetos, ao invés de simples e estáveis, passaram a ser percebidos como “mais complicados, condensados, múltiplos, complexos e intrincados” (LATOURE, 2012, p.209). E era, na verdade, o próprio objeto aquele capaz de acrescentar toda esta multiplicidade. Dito desta forma, o conhecimento não poderia mais ser visto como puro ou neutro. Mas sim situado e parcial (MORAES, 2010, 2011), produto e produtor de conexões, afetado por todos os atores implicados no processo de construção do saber.

A TAR deu realce também para o trabalho, movimento, fluxo e mudanças que acontecem ao longo do pesquisar a partir de uma série de encontros. Ela nos mostra que “tudo depende do que *você próprio* permite a seus atores (ou melhor, actantes) fazer” (LATOURE, 2012, p.207). Tal abordagem me convidava então a tirar o peso da bagagem do barco e deixá-lo mais leve para o navegar, ou seja, suspender as certezas dos a priori acadêmicos e das teorias científicas, ou mesmo do senso comum, e abrir espaço para a prática e o fazer conduzirem o fluir da embarcação.

Por falar em movimento, a proposta da TAR também traz importantes deslocamentos para se pensar a própria Psicologia a partir de uma perspectiva “não moderna”, como nos diria Latour. Sob esta ótica, a noção de eu, por exemplo, pode ser compreendida enquanto sujeito em rede, em uma construção relacional, processual e aberta, composta por associações locais e provisórias. Nestes termos, surge a ideia de sujeito em ação, capaz de estabelecer articulações heterogêneas de modos de existência e de se fazer múltiplo em possibilidades de conexão (ARENDETT, QUADROS e MORAES, 2018).

Tal modo “não moderno” de encarar o eu parece nos afastar de visões mais tradicionais em Psicologia, alimentadas ao longo de décadas, bem como de suas dicotomias, hierarquizações, generalizações, e excesso de interioridade e individualização, para, por outro lado, nos convocar a proposições mais interessantes: a ênfase na potência das relações e em tudo aquilo que se “faz fazer” em rede. Caras reflexões na direção de “uma psicologia mais viva e ativa” (p.13).

Feito este breve apanhado de aprendizados envoltos da TAR, vale ressaltar ainda que, naquela ocasião de nosso contato inicial, em 2016 e 2017, eu era psicóloga residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (HESFA/UFRJ). Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) versava acerca da “percepção do psicólogo residente quanto à contribuição de seu saber para as equipes multiprofissionais e do efeito da vivência da residência para sua formação profissional” (FERREIRA & SOARES, 2021, p.1). Para tal, havia realizado grupos focais com psicólogos residentes do primeiro e segundo ano da residência, além dos egressos.

Neste contexto, talvez pela primeira vez em uma escrita acadêmica, eu pretendia marcar ali qual a minha implicação no processo de pesquisar, uma vez que compartilhava com meus colegas participantes um mesmo fundo de experiências: eu também era psicóloga e residente de um programa multiprofissional em saúde da mulher. Inspirada na aposta da TAR,

era preciso, portanto, deixar um pouco de lado a neutralidade científica, de modo a permitir, no falar e no escrever, a imersão de outras histórias. Da minha história, inclusive.

Na difícil tarefa de escrever, assim como de pesquisar, a TAR me indicava outras formas de enxergar um objeto e a importância de se ouvir o que as pessoas têm a nos dizer, uma vez que a “pergunta interessante” precisa interessar e importar aos participantes também. Com isso, não se tratava mais “deles” e de “mim”, numa distância verticalizada tradicionalmente imposta. Éramos nós, eu e eles, compondo aquele encontro.

Sendo, portanto, o mundo repleto de objetos híbridos, tínhamos, com isso, uma relação dialética, e não mais dicotômica, entre sujeito e objeto, indivíduo e sociedade (LATOURET, 1994 *apud* QUADROS, 2015). Nessa dinâmica, todos faziam parte da construção e transformação daquela pesquisa que, assim como a própria Psicologia, “se fazia”, num trabalho coletivo de agenciamentos, conexões, e forças.

Àquela altura, eu já podia, com alguma sorte, defender o meu papel ativo enquanto pesquisadora, mesmo que a partir de uma implicação ainda presa em termos engessados de metodologia: delimitação de objeto, coleta e análise de dados, questões norteadoras e/ou hipóteses. De todo modo, foram nas entrelinhas desses resquícios objetivos que (re) apareceram em minha escrita, timidamente, algumas de minhas sensações e sentimentos, o transbordar de meus afetos.

Neste cenário ainda, lembro-me de uma cena curiosa durante a defesa do TCC da residência. Em relação aos comentários da banca, houve uma divergência acerca do quanto eu “me colocava” ao longo do texto. Se, por um lado, minha tentativa ainda se apresentava um tanto contida, delimitada por contornos mais ou menos objetivos e tradicionalmente acadêmicos, requerendo uma maior ousadia, de minha parte, ao escrever; por outro, eu era lembrada do cuidado com o excesso de impressões pessoais, passíveis de dificultar publicações futuras em revistas científicas, e do quanto isto poderia me afastar de padrões já pré-estabelecidos e consolidados no meio acadêmico-científico.

Hoje, ao resgatar essa história, percebo como talvez minha escrita realmente estivesse, naquela época, beirando algum meio termo entre esses apelos-exigências, uma confusa tentativa de conciliação entre minha banca, entre o reconhecimento do estável e o risco no inovador. Era difícil não me deixar afetar pelos encontros, ficar de fora do processo ou garantir uma distância segura do outro, e de mim. Ao mesmo tempo, era igualmente desafiador afrouxar amarras tão bem feitas, dadas a priori, reconhecidas e reproduzidas

incansavelmente por tanto tempo. De fato, eu precisava *ousar* mais, me despir de certezas e ficar com as incertezas do porvir.

Com isso, algumas questões ficaram no meu horizonte reflexivo, como as trazidas por Iara Maria de Almeida Souza ao narrar acerca do estilo de Latour, em contraste com posições mais hegemônicas nas ciências sociais: “é preciso também - para fazer ciência - adotar propositadamente uma escrita pomposa e difícil? Para fazer teoria é preciso aprofundar o fosso que nos separa - a nós da academia - de leitores não-acadêmicos?” (LATOUR, 2012, p.12).

E foi, assim, nessa empreitada, que a TAR se fez presente enquanto inspiração para a minha escrita: como um guia de viagem mais do que um método, como nos sugere Latour (2012). “Um guia de viagem pode ser lido ou esquecido, relegado a uma mochila, besuntado de manteiga e café, rabiscado, privado de algumas páginas que vão acender o fogo da churrasqueira. Em suma, dá sugestões em vez de se impor ao leitor” (p.38).

O guia parte da ideia de que nada está dado ou pronto, de que não há garantias. Requer, pelo contrário, tentativas, desvios, (re) configurações, abertura, disponibilidade e coragem para se lançar nos desafios, não previstos, ao longo do processo de pesquisar. Permite, dessa forma, a imersão de uma pesquisa viva, atenta ao “chamado da pesquisa e para onde ela poderá nos levar” (QUADROS, 2022, p.69), na qual o campo também pergunta para a gente e, assim, agimos *com* ele, em relação. O guia, portanto, não determina, mas nos faz um pedido: deixe o campo te surpreender...

Apesar disso, e, posso assegurar, diferente do que se possa imaginar, a abertura, atenção e curiosidade do (a) pesquisador (a) não navegam desacompanhadas de consistência. “A busca de ordem, rigor e padrão não é de modo algum abandonada, apenas reposicionada um passo à frente sob a forma de abstração, para que os atores possam desdobrar seus próprios e diversos cosmos, pouco importa quão irracionais pareçam” (LATOUR, 2012, p.44). Aliás, para Quadros (2022), o rigor vem acompanhado, por outro lado, e, ao mesmo tempo, de uma delicadeza no processo de pesquisar, o que confere justamente maleabilidade e movimento a este.

Tudo isso me conduziu a pensar uma escrita menos delimitada por quadros referenciais e mais livre em seu fazer. A escrita como laboratório (LATOUR, 2012) abiu passagem para a experimentação do texto, para as idas e vindas testadas e atualizadas no aqui e agora. E, assim, “dependendo do que aconteça ali, haverá ou não um ator e haverá ou não

uma rede sendo traçada. Isso depende inteiramente do modo como é escrito - e cada novo tópico exige um tipo diverso de manuseio pelo texto” (p.216).

2.2 O resgate de um fazer sensível: reconciliação com minha própria história

Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede; procure ser árvore

Manoel de Barros

Nota: Ouvi esta frase em uma das aulas da disciplina de mestrado “Leituras de Guattari: Revolução molecular e cartografias do desejo”, da professora Anna Uziel em conjunto com Jimena, Luisa, Cláudia e Félix. Era outubro de 2021. Não lembro ao certo quem a trouxe, nem exatamente em qual contexto. Mas, em mim, um sentido emergiu: escrever *com* o corpo.

Era setembro de 2021. Resgato uma anotação de caderno, agora já das aulas de mestrado em Psicologia Social na UERJ, em 2021, que me provocou uma reflexão acerca do meu processo de escrever: “é tarefa trazer para a escrita o tom do acontecimento”.

Comecei a pensar em exatamente qual tom eu gostaria de poder dar à minha escrita: o da sensibilidade. Queria poder resgatar minha sensibilidade, ponto marcante em minha vida desde a infância. Tornar o texto mais próximo e intimista, com certa liberdade acadêmica. Um tom que busca ampliar e incluir, que aceita e permite sentir, que escuta e conversa com o corpo. Um tom, quem sabe, de um abraço.

Mas nem sempre foi assim. Minhas lembranças pueris me transportam para cenas em que eu ouvia repetidas vezes como eu era uma menina sensível. Ao me demorar um pouco mais no corpo acompanhado destas falas, retomo rostos, vozes e gestos em tom de reprovação, falta de paciência ou ironia. A sensibilidade parecia incomodar. Ou melhor, parecia me reduzir em uma placa da qual por muito tempo eu carreguei. “Será que eu sinto mais do que as outras pessoas?” — Pensava — “O que fazer para não sentir tanto assim?”.

Tal sentimento de inadequação me fez querer abafar toda essa sensibilidade, algo mal disfarçado conforme eu ia crescendo. A sensibilidade foi ganhando, injustamente, novos sinônimos para mim, ao ser associada a algo ruim ou menor. Um deles era “ser boba”. Lembro de minha saudosa vovó Luiza, mulher doce e forte a qual tantas vezes se viu impedida de deixar desaguar suas emoções, fruto de outros tempos de ainda mais repressão, nascida em 1918 e amante de aniversários (afirmava com orgulho, próximo à sua partida para outro plano espiritual, “tenho noventa e nove anos e meio!”), dizer: “menina, para de ser boba”.

Tal imaginário me acompanhou por um bom tempo até quando, já adulta, tive contato com o poema — “Das vantagens de ser bobo”, de Clarice Lispector (Portal da Crônica Brasileira). Um dos trechos dizia: “O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo”. Descobrir “vantagens” em “ser bobo” me (des) conectava com os significados atribuídos a esta palavra até então. Não era justamente a sensibilidade que me permitia ver, ouvir e tocar de outra forma, a partir do meu sentir?

Essa nova versão acerca de ser boba permitiu um ressignificar de histórias em que a sensibilidade se fazia em meio ao meu oceano de experiências. A dimensão sensível podia, enfim, fluir em meu vivido, desembocar em minha escrita. Finalmente, ganhou o seu merecido lugar. Nas palavras de Clarice, “os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás, não se importa que saibam que eles sabem”.

Nesse sentido, talvez seja a minha sensibilidade, por si só, um dos actantes mais vivos de minha vida e, como não poderia deixar de ser, em minha escrita ou pesquisa. A sensibilidade que, muitas vezes, *faz fazer* tantas coisas em mim e nos meus encontros com o mundo. A sensibilidade é, ao contrário do que eu frequentemente supunha, e como um dia a Laura me ensinou, um potente aliado, aquilo de mais bonito na arte da vida e do fazer. E isto, eu não posso nem quero mais renegar.

Outa associação bastante perigosa nesse percurso, por outro lado, foi àquela atribuída à sensibilidade enquanto suposta fraqueza, vulnerabilidade ou fragilidade feminina. Ser “boba” também me conectava a certas vivências, como uma vez em que ouvira de um garoto, quando criança, componente do mesmo time em uma competição: “vê se corre *feito* um garoto”. O fato de ser mulher parecia, desde pequena, me ligar a desvantagens socialmente e culturalmente atribuídas – em especial, na associação das mulheres às emoções em seu contraste com a razão (DESPRET, 2011a). Algo pelo qual eu deveria tentar minimamente

superar. E a forma mais útil parecia sempre um dosar da sensibilidade e controle das emoções, para, assim, demonstrar “minha força”.

Tamanho equívoco ganhava coro do pátio do recreio na escola à academia, trabalho. Neste bojo, o próprio fato de ser mulher, ocupar espaços em que aspectos usualmente atribuídos às mulheres, como a sensibilidade, são silenciados ou desvalorizados, me suscitam convocações. A dimensão sensível, agora, aqui, feminina, traduz, na verdade, toda uma potencialidade, força e beleza, capazes de captar algo de especial que, sem ela, possivelmente não poderíamos ver, ou tocar. É graças à sensibilidade, portanto, e não apesar dela.

Para a filósofa belga Isabelle Stengers (1989), o fato de ser mulher não é algo do qual possa ser ignorado ou livre de significação. Com isso, defende o quanto a mulher precisara conquistar para tornar-se “mulher de ciência” e para fazer ciência na condição de mulher, algo que “já lhe teria sido dado naturalmente se ela fosse um homem” (p.8). Moras e Quadros (2020) também destacam, por sua vez, “que o fato de sermos mulheres, pesquisarmos *com* mulheres, produz atravessamentos e resgates de uma herança que não podemos mais excluir de nossas práticas” (p.3).

Seguindo nesta direção, Stengers propõe outro modo de fazer ciência. Sustenta, então, como “ciência no feminino” aquela que “envolve estabelecer laços, esperar, permitir que um processo dialógico se instale no campo no qual o/a pesquisador/a transita” (MORAES; QUADROS, 2020, p.5). Sua proposição marca, portanto, o resgate da herança feminina e a afirmação de todo o seu potencial que *faz fazer*, também, ciência. Um fazer ciência genuinamente sensível e forte, capaz de sustentar “a arte da solidão, a afirmação da singularidade, a aceitação da marginalidade que deixa tantos cientistas literalmente loucos” (STENGERS, 1989, p.8).

Dessa forma, escrever e pesquisar enquanto ciência no feminino, se aproximaria mais do pesquisador/a como “caçador/a solitário/a” (STENGERS, 1989) que, em relação ao objeto, mostra-se “disposto/a a esperar, conhecer o tempo do/a interlocutor/a, transitando delicadamente pelo território da pesquisa, atentando para as singularidades” (MORAES; QUADROS, 2020, p.3), do que ao pesquisador/a como “caçador/a de matilha”, “afeito/a à rapidez e generalizações” (p.5).

Todas essas conexões me ajudaram, portanto, a reconhecer o papel da sensibilidade, inclusive, nas práticas em Psicologia, ao trazer modos sensíveis na contramão das durezas acadêmicas e científicas. O conhecimento se faz, portanto, por meio de um navegar permeado

por afetações, um saber-dos-afetos desaguando efeitos em todos nós. Uma aposta, sem dúvida, na recalcitrância. Uma pista valiosa da qual eu pretendo seguir.

A atenção aos vínculos e ao campo de pesquisa, ao fazer ciência no feminino, possibilita, para mim, um reencontro reconciliatório onde Psicologia, ciência, escrita, ser mulher, arte e poesia podem, enfim, conversar. E, apesar de um navegar solitário, Moraes e Quadros (2020) nos confortam ao nos lembrar de que este fazer não é, entretanto, isolado, mas marcado por uma rede mútua de afetos e conexões, o “que nos faz também solidárias” (p.12).

3 FLUTUAÇÃO SOB O INVISÍVEL: O ENCANTO SE FAZ NO COTIDIANO

Pois minha imaginação não tem estrada. E eu não gosto mesmo da estrada. Gosto do desvio e do desver.

Manoel de Barros

3.1 Dos encontros à errância: o que te encanta?

“Encantar é expressão que vem do latim *incantare*, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo” (SIMAS; RUFINO, 2020, p.4). Era dezembro de 2021, em uma sexta-feira, dia em que o grupo de orientação da Laura se reunia por meio remoto, uma pausa reflexiva e reconfortante na rotina da semana. Em meio às trocas de ideias e discussão de texto, a Laura nos fez uma provocação: “O que te encanta? O que está te encantando na pesquisa?”.

Esta pergunta ficou ecoando por um bom tempo em meus devaneios sobre o pesquisar. Mesmo sem oferecer (ou garantir) resposta, ela me conduzia a uma direção hesitante: o aqui e agora. Assim como as águas do rio nunca são as mesmas, o encantamento também precisava ser renovado, pensei. Muitas mudanças haviam acontecido desde o início do mestrado. Minha vida, escrita e pesquisa já não eram mais as mesmas. Eu precisava, portanto, não só atualizar meus referenciais ou pesquisa como um todo, mas, sobretudo, aquilo que me encanta, aquilo que *faz, fazer* encantamento em mim.

A ideia de encantamento me ligava também à de interesse. Latour (2016) retrata esta noção a partir do resgate da etimologia da palavra que, em latim, significa aquilo que se situa entre duas coisas, “inter-esse”. Ao trazer a indissociabilidade da ciência e das técnicas com as relações construídas ao longo da história, marcadas por atravessamentos políticos e socioculturais, nos liberta não só de um suposto saber puro, mas, principalmente, de um interesse de pesquisa já dado ou imutável, imune aos acontecimentos.

Sendo assim, meu encantamento e interesse na pesquisa se desdobravam a partir de todos os encontros e desencontros vividos, se compondo e se fazendo nas relações e afetações, nos desvios. Uma liberdade para ser e pesquisar, para “outros modos de existir e de

praticar o saber” (SIMAS; RUFINO, 2020, p.7). Afinal, “os interesses nunca se dão de cara, mas – pelo contrário – dependem da composição” (LATOURE, 2016, p.31).

Dessa forma, pude perceber, aos poucos, algumas pistas de interesse-encantado nesta jornada: a presença da sensibilidade; a escrita encarnada por afetos e tecida com parcerias; as práticas de cuidado; as formas não modernas de se fazer pesquisa e Psicologia; a não hierarquização entre diferentes saberes e atores; o diálogo interdisciplinar. Descobrir o que me encanta me levava a um debruçar minucioso para tudo aquilo abarcado no campo em constante construção.

Os olhares se voltavam, portanto, para o *cotidiano*. Não para o espetacular ou o extraordinário, como sempre a Laura bem nos lembrava, mas para aquilo que nos acompanhava e compunha nosso fazer dia após dia, que poderia produzir encantamento e reconduzir a travessia. Encantamento, aqui compreendido, “como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida, em suma” (SIMAS; RUFINO, 2020, p.6).

Tal transgressão me levava à outra importante descoberta: “Muitas vezes na ânsia dos grandes acontecimentos, desprezamos os pequenos encontros” (QUADROS, 2014, p.41). O encantamento se fazia, portanto, ali: nos pequenos encontros em minha pesquisa navegante. Encontros com novas pessoas, lugares, comidas, linguagens, culturas e fronteiras.

Pequenos encontros na fronteira oeste do Brasil entre bolivianos e brasileiros, não só do Mato Grosso do Sul, mas de vários estados e regiões do país, além de descendentes de índios, árabes e paraguaios. Pequenos encontros em meio às misturas linguísticas do português, espanhol, portunhol e guarani.

Pequenos encontros repletos de arte, história e cultura no Museu de História do Pantanal (MUHPAN) ou no Instituto Homem Pantaneiro (IHP) (Figura 9); no tradicional Porto Geral (Figuras 10 e 11) ou na bela Avenida General Rondon (Figura 12); na visão panorâmica da cidade por meio do Cristo Rei do Pantanal (Figuras 13 e 14); ou ainda na diversidade da Feira Livre Brasil-Bolívia (Figuras 15 e 16), em Corumbá, e em ações artísticas e culturais, como o Festival América do Sul Pantanal (Figuras 17 e 18), que teve sua 16ª edição em 2022. Pequenos encontros com a flora e fauna presentes na Estrada Parque do Pantanal ou em passeios de barco pelo Rio Paraguai, como indo até a “Prainha” (Praia do Limoeiro) (Figuras 19 e 20), em Corumbá.

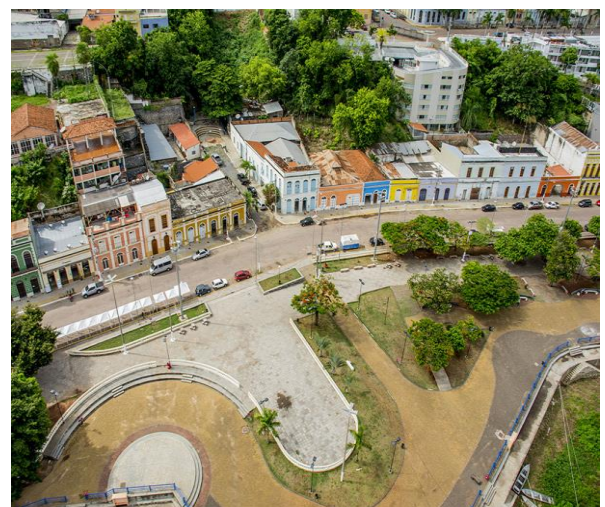
Figura 9 – Da janela do IHP



Vista para o Rio Paraguai da sacada do segundo andar do Instituto Homem Pantaneiro (IHP).

Fonte: Foto generosamente cedida pelo casal de amigos Melina e Luiz, vínculos tecidos na região, 2022.

Figuras 10 e 11 – Porto Geral de Corumbá



Porto Geral de Corumbá: definitivamente um cartão-postal da cidade. Sua arquitetura recheada de história chama a atenção, convidando ainda moradores e turistas a atravessarem a rua para contemplar à vista do Rio Paraguai.

Fonte: O registro à esquerda é de autoria própria, ao passo que a foto à direita foi retirada do site da Prefeitura Municipal de Corumbá, 2022.

Figura 12 – Avenida General Rondon



Avenida General Rondon: paisagem agradável formada por coqueiros, casas históricas e a possibilidade, à direita, de uma vista privilegiada de cima do Porto Geral.
Fonte: Foto de autoria própria, 2021.

Figuras 13 e 14 – Cristo Rei do Pantanal



Cristo Rei do Pantanal: a estátua de 12 metros de altura, produzida pela artista plástica Izulina Xavier, encontra-se no Morro do Cruzeiro, representando um dos atrativos turísticos da cidade de Corumbá. De braços abertos para Ladário, Corumbá e Bolívia, é possível vislumbrar uma das vistas mais privilegiadas para o Pantanal. Fonte: A foto à esquerda foi retirada do site da Câmara Municipal de Corumbá, enquanto o registro à direita é de autoria própria, 2022.

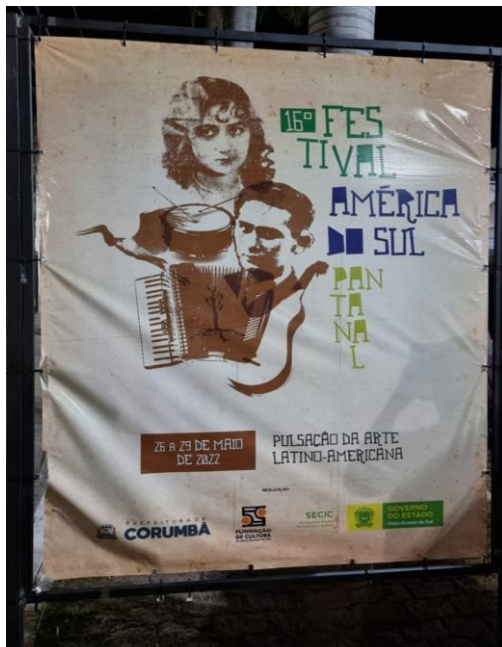
Figuras 15 e 16 – Feira Livre Brasil-Bolívia



Feira Livre Brasil-Bolívia, em Corumbá, em uma manhã de domingo: na feira é possível comprar produtos agrícolas, como frutas, verduras e legumes; carnes; macarrão; ervas e temperos; brinquedos simples; itens de limpeza e higiene pessoal; roupas etc. Para além das compras, a feira se mostra, na interface Brasil-Bolívia, como espaço de lazer e de trocas socioculturais, em uma mistura de músicas, línguas e comidas. Os bolivianos têm participação histórica na feira – representando 60% dos feirantes (ESPÍRITO SANTO; DA COSTA; BENEDETTI, 2017), que se constitui enquanto palco de negociação, complementariedade e conflitos de legalidade e ilegalidade na fronteira. Representa, portanto, importante “ponto de encontro da população fronteiriça” (p.103).

Fonte: Fotos de autoria própria, 2022.

Figuras 17 e 18 – 16º Festival América do Sul Pantanal



16º Festival América do Sul Pantanal: shows, oficinas, teatros, apresentações de dança, cinema, gastronomia (pude experimentar a costela feita no “churrasco de chão”) e exposições marcaram o evento nas cidades fronteiriças Ladário e Corumbá, no Brasil, e Puerto Suarez e Puerto Quijaro, na Bolívia. Fonte: Fotos de autoria própria, 2022.

Figuras 19 e 20 – “Prainha”



“Prainha”: Era dezembro de 2022. Fui convidada, num final de semana, para um típico passeio pantaneiro da região: banho de rio num lugar chamado de “Prainha” pelos meus amigos, referindo-se à Praia do Limoeiro, localizada em meio ao Rio Paraguai, a alguns quilômetros do Porto Geral, em Corumbá. A “Prainha” só é possível de se visitar quando o nível do Rio está baixo, uma vez que ele chega até mesmo a “sumir” em seus períodos de cheia. Estava animada pelo passeio de barco junto às amizades construídas aqui. Neste dia de sol, chuva e, novamente, sol e céu azul, pude experimentar a tranquilidade e, ao mesmo tempo, receio da possibilidade de contato com certos animais. Nesta aventura, senti a adrenalina de andar pela primeira vez de jet ski e o susto de ver uma cobra filhote na beira da água – da espécie boca de sapo, como identificada por um homem que conseguiu pegá-la com o uso de um galho de árvore e jogá-la longe, em direção à área verde, devolvendo-a à natureza. Em clima de risos e descontração, ouvi ainda muitas histórias sobre o coabitar com onças no Pantanal, envolvendo seus horários e costumes; levar uma caixinha de som para tocar música e, assim, afastá-las; brincadeiras acerca do gosto musical da onça, no sentido de qual música a afastaria mais; e dicas sobre como se proteger em trilhas no Pantanal, como andar sempre em grupo, não fazer movimentos bruscos, e, sutilmente, no eventual encontro com alguma onça, levantar o chapéu e colocá-lo virado para frente e acima da cabeça, a fim de parecer ser maior que o animal e, com isso, intimidá-lo também. Fonte: Fotos de autoria própria, 2022.

Deliciosos ou inusitados encontros com a culinária local por meio do churrasco pantaneiro (sempre acompanhado de mandioca cozida e farofa de banana da terra — uma de minhas preferidas, da qual aprendi a gostar aqui), chipa (iguaria da culinária paraguaia da qual seu formato me lembra uma ferradura e, seu sabor, pão de queijo), sopa paraguaia (de origem indígena e paraguaia, esse prato muito tradicional engana pelo nome. Trata-se, na verdade, de uma espécie de bolo salgado à base de farinha de milho, leite, óleo, queijo e cebola) (Figura 22), saltenha (salgado típico da Bolívia e muito consumido na área de fronteira), caldo de piranha, pintado à urucum (minha melhor surpresa, ainda mais para quem não é fã de peixes, em geral. Mas este garanto ser imperdível) (Figura 21), pacu na brasa, carne de jacaré (não sei se já tiveram a oportunidade de experimentar essa carne exótica. Para mim, seu gosto e textura me soaram como uma mistura de peixe com frango), arroz boliviano (delicioso arroz que mistura, entre outros, com carne moída, linguiça, banana da terra, batata frita, tomate e queijo), sarrabulho ou sarravulho (tipo de cozido com carne bovina bastante apreciado em

Corumbá) e tereré (bebida de erva-mate em água gelada para refrescar no clima quente e seco da região, muito comum em rodas de familiares e amigos).

Figuras 21 e 22 – Pratos típicos



Encontros culinários na região: à esquerda, foto do famoso prato Pintado à Urucum, peixe empanado no molho de queijo com creme de leite e leite de coco, dentre outros ingredientes que dão um toque especial, como o urucum – fruto de cor avermelhado. O prato costuma ser acompanhado de arroz branco, batata frita e pirão; à direita, imagens de dois salgados muito consumidos no cotidiano das cidades fronteiriças Brasil-Bolívia – a sopa paraguaia, à frente, e a chipa, ao fundo.

Fonte: A foto à esquerda é de autoria própria, enquanto à da direita foi retirada do site de notícias O Pantaneiro, 2022.

Pequenos encontros permeados por músicas e danças do sertanejo ao chamamé (estilo musical tradicional da província de Corrientes, na Argentina, reconhecido como “parte da construção da identidade do MS” e oficialmente declarado pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul como “Patrimônio Cultural Imaterial do Estado”) e à vanera sul-matogrossense (ritmo gaúcho, de influência alemã, presente também na cultura sul-matogrossense).

Encontros também com contos, “causos”, histórias e personagens do Pantanal. No livro “Treze contos verdadeiros que ninguém ouviria duvidar” (2021), o professor corumbaense Lourival Monteiro de Moraes retrata treze contos lendários que fazem parte da história, cultura e cotidiano de Corumbá. O autor afirma que, nos personagens, neles encontrados, “há sabedorias ocultas que ensinam toda a cidade” (p.71).

Assim, há, por exemplo, a história triste da Maria do Saco, uma lenda urbana sobre uma empregada de uma família muito rica, que viera para Corumbá ainda mocinha. A jovem, após ser abandonada, grávida, por um rapaz pelo qual se apaixonou, sentiu grande tristeza e desencantamento pela vida, e, por fim, foi acometida por uma demência. Em um segundo momento, foi abandonada pela família rica, que mudara de cidade, deixando-a para trás.

Desde então, Maria passou a vagar sem rumo pelas ruas de Corumbá, “como à procura de algo que nunca achou”(p.72).

Certa vez, conversando com Melina, uma amiga corumbaense, sobre os contos do livro de Lourival, ela afirmou: “Maria do Saco? De vez em quando eu ainda encontro com ela”. Incrédula, pergunto como ela pode encontrar esta personagem: “Não é uma lenda? Ela ainda está viva? Como assim?”. Melina ri e diz: “Não sei, será que eu estou inventando que vejo ela? Mas é que, assim, quando eu era criança... Não é lenda não, tá?! Maria do Saco não é lenda, pelo menos não na minha cabeça. É uma mulher que vive aí na rua, anda com um saco na cabeça. Faz muitos anos, acho que desde que eu era criança, que lembro da Maria do Saco. Ela está quase todos os dias na rua Cabral, lá para os lados do Aeroporto, da sua casa. Direto ela está ali. E à noite, sabe. Ela anda no meio da rua, tem que tomar cuidado. Ela vai empurrando um carrinho de supermercado cheio de tralha. Você já deve ter visto, mas não deve ter se ligado”. Saí pensando: “Será que eu a vi? Maria do Saco, é você?”.

Outra vez, ouvi alguém dizer, rindo: “Por isso que a cidade não vai pra frente. Cadê as sandálias do Frei?”. A cidade era Corumbá; o Frei, Mariano. A frase em questão fazia referência ao conto “as sandálias do Frei Mariano” (MORAES, L., 2021).

Era verão rigoroso em Corumbá. Frei Mariano passava por um momento difícil, levando-o a perder a própria fé. Neste cenário, ele vai até o rio e desabafa: “Vou jogar minhas sandálias no rio e essa cidade não vai crescer enquanto não acharem minhas sandálias” (p.66). As sandálias são, então, jogadas no rio, seguindo rio abaixo, sem, entretanto, afundarem. Pouco tempo depois, Mariano se arrepende da praga lançada, pede perdão a Deus e ouve uma voz guiando-o até a colônia de São Domingos, lugar no qual o Frei encontraria as sandálias e, após, deveria abençoar Corumbá e sua população. E, assim, o par de sandálias, encontrado dentro de um grande peixe, deixou de ser praga para tornar-se símbolo de benção para a cidade.

Ler, ouvir e, de alguma forma, recontar, aqui, esses contos, me ajuda a compreender o imaginário sociocultural desta região, que vai ganhando cada vez mais contornos e coloridos únicos. Nas orelhas da capa do livro de Lourival de Moraes (2021), o autor nos conta que:

A cidade de Corumbá, MS, é repleta de palavras únicas, histórias, lendas e contos que nos levam a sorrir e sonhar. Contos e “causos” que assombram, inspiram e transformam. Esse lugar é cheio de mistérios, o rio Paraguai tem sua própria versão das coisas, as personagens que aqui vivem são encantadas, suas histórias são recontadas e sobrevivem ao tempo.

Além disso, há ainda pequenos encontros entre saberes e práticas da Psicologia, Serviço Social e Assistência Jurídica no trabalho em um Núcleo de Assistência Social. Encontros entre profissionais militares e usuários militares e seus familiares civis. A atenção aos pequenos acontecimentos me permitia o contemplar do que emerge no dia a dia, nos arranjos provisórios do campo de pesquisa, tessituras artesanais da ordem do vivido.

E algo me dizia que, aqui, a sensibilidade seria minha fiel companheira no desbravar da singularidade da experiência, na simplicidade do cotidiano. Tratava-se de um fazer que “exige uma imersão, um embate, uma ação que transborda a intelectualidade e se realiza no campo” (QUADROS, 2014, p.40). Um pesquisar costurado com a mesma delicadeza e precisão de um fazer artesanal (QUADROS, 2015; MORAES, QUADROS, 2020).

Para tal, a imersão sobre o cotidiano por si só já me parecia provocante. Gosto da proposta por detrás de uma palavra que tem resistido, com pouco crédito, suponho, ao longo dos tempos. Nem (só) banal, repetitivo ou chato, o cotidiano é o tempo e o espaço onde a vida e a pesquisa acontecem. Afinal, não dá pra separar essas dimensões tanto assim. Talvez nem precisemos. Minhas questões pessoais, desde o início, marcavam presença, ainda que eu não quisesse, no cotidiano da minha pesquisa, levando-nos para outros lugares e me convocando a fazer outras (novas) coisas.

Em uma aula de mestrado, da disciplina “Teoria ator-rede e temas do cotidiano”, em setembro de 2021, o professor Ronald Arendt, ao discutir a possibilidade de “diferenças nas repetições”, remetendo-se ao autor Michel Serres (2004), relata como a ginástica, por exemplo, vai ganhando criatividade justamente na repetição. Aqui, no navegar, o cotidiano também se desdobra enquanto potência. O cotidiano e suas repetições nos mostram, portanto, a possibilidade do novo e diferente em cada movimento, singular, daquilo que acontece outra vez.

Falar do cotidiano é, ainda, descrever e acompanhar suas práticas. Práticas desenhadas no vivido e capazes de transformar e serem transformadas por ele, reconfiguradas. O cotidiano parece colocar lado a lado ciência, pesquisa, vida e o fazer, reconduzindo “as práticas e as línguas científicas para seu país de origem, a *everyday life*, a vida cotidiana” (CERTEAU, 1998, p.64). Permite que a linguagem da experiência comum se propague em sons mais audíveis, que os diferentes atores possam negociar com os acontecimentos.

O cotidiano não garante a verdade dos a priori teóricos ou a velha neutralidade do (a) pesquisador (a), mas abre caminho para o que vier no porvir. Nele cabem surpresas e novidades, em meio aos tropeços diários, estranhezas, controvérsias e recalitrâncias. Uma

anotação de caderno em uma das aulas do mestrado, em agosto de 2021, talvez resuma seu sentido e efeito: “o cotidiano é a descoberta de coisas interessantes no dia a dia”. Dito de outra forma, nas palavras de Certeau (1996, p.31 *apud* DURAN, 2007): “o que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...”.

Além disso, dentro das “coisas interessantes invisíveis cotidianas”, ou em meio a elas, esbarramos ainda, ao longo da travessia de pesquisar, com desencontros, fracassos, riscos e desvios, o que não (n) os impede, por outro lado, de se tornarem igualmente ou potencialmente interessantes. E é justamente neste emaranhado, cotidiano, onde o (a) pesquisador (a) aparece e *se faz* enquanto aquele que “aprende a tornar interessante” (DESPRET, 2011c, p.188).

O filósofo Etienne Souriau (2015 *apud* JACQUES, 2019), por exemplo, ao falar da obra a-ser-feita, destaca, para o trabalho de instauração, o fazer enquanto jornada e a presença da errabilidade no ato de criação, no qual não nos enganemos: “tudo pode, a qualquer momento, dar errado, pois estamos, justamente, na interseção de diversos modos de existência” (p.338).

Souriau (1943 *apud* ARENDT, 2008b) propõe ainda dar “atenção à obra” e “à genialidade da obra”, deslocando, dessa forma, a criação para um coletivo articulado, para uma criatividade e originalidade não virtuosas, mas sim produtos de uma rede de articulações envolvendo humanos e não humanos. Uma criação que requer atenção ao que acontece no campo, respeito ao objeto e, sobretudo, um cuidado distribuído em rede.

Pensando, desse modo, em minha pesquisa enquanto criação a ser feita, atravessada por angústias e incertezas inerentes ao pesquisar, talvez a errância adquira contornos não só inevitáveis, mas também necessários para impulsionar a criação (ARENDT, 2008b). Se “antes da solução, vem a errância, o vai-e-vem, ... (das) conjeturas hesitantes” (STENGERS, 2002, p.513 *apud* ARENDT, 2008b, p.172), esta pesquisa pode seguir, com ventos tranquilos, seu fluxo rio afora, certa de que os desvios ajudam, na verdade, a construir seu próprio desaguar.

A errância, cotidiana, acrescenta, portanto, uma possibilidade de mudança de percurso no processo da “obra a fazer”. Seria este, então, o “mal-entendido promissor”, àquele que “cria a ocasião para uma nova versão possível do acontecimento” (DESPRET, 1999, p.328 *apud* PEDRO e MOREIRA, 2015, p.1401), genuinamente cotidiano, me convidando a lançar mão de “astúcias sutis” e “táticas de resistência” na “arte de fazer” a “invenção do cotidiano” (CERTEAU, 1996, p.31 *apud* DURAN, 2007) em minha pesquisa?

Acompanhar o cotidiano nos mostra, portanto, como a realidade é, na verdade, construída a partir da ação de atores híbridos e heterogêneos, conectados em uma rede tecida, *inclusive*, por errâncias e mal entendidos, quem sabe até, *promissores*. Essa ideia me acompanhou durante todo meu pesquisar como uma brisa de esperança, suave e refrescante, me encantando a acreditar no caminho desconhecido que as correntezas me conduziam constantemente. Sim, os portos (in) seguros também se fazem de desvios.

Neste sentido, Pedro e Moreira (2015) chamam a atenção não só para o reconhecimento da multiplicidade de versões da realidade, bem como para nossa possibilidade e responsabilidade de, ao pesquisarmos, detectar, ampliar e *produzir* estas versões.

Meu papel, enquanto pesquisadora, se tornaria, com isso, ativo em uma intervenção que apesar de sutil, acarreta impactos e produz invenções (QUADROS, 2015). Papel este que se faz presente em cada encantamento e interesse, escolha e intervenção desenhadas nos encontros e desencontros com o campo, performando realidades. Assim, “não podemos representar a realidade sem considerar aquele que a representa” (p.1188).

3.2 PesquisarCOM na fronteira: um encontro no *entre*

Quem anda nos trilhos é trem de ferro, sou água
que corre entre as pedras: liberdade caça jeito
Manoel de Barros.

Nota: Mais uma frase de Manoel de Barros, daquelas que nos reviram e nos abraçam, trazida na disciplina de mestrado “Leituras de Guattari: Revolução molecular e cartografias do desejo”. Viajávamos por entre alguns conceitos, e, ao chegarmos nas “linhas de fuga”, senti que aquela se encaixava perfeitamente em meu navegar flutuante.

Era agosto de 2021...

“É estranho me dar conta e falar isso, mas me sinto menos angustiada aqui, agora. Realmente, não há uma história única de lugar nenhum. Preferia a Saúde e negava outras possibilidades de encontros na psicologia. Embarquei em um Núcleo de Assistência Social. Lembrei-me da minha época de residência e enxerguei promoção à saúde em quase tudo.

Descobri tantos programas e projetos, temáticas tão importantes. Pouco a pouco vou conhecendo outras formas de atuar. Sigo as pistas do campo. Um trabalho vivo e criativo. Me soou como cuidado”.

Nota: Outro texto produzido por mim em um dos exercícios de escrita da disciplina de mestrado “Teoria Ator-Rede: escrita como laboratório”, da professora Alexandra Tsallis. A atividade, dessa vez, consistia em escolher uma cena e contá-la de trás para frente, acompanhando para onde leva a pergunta: “E antes disso, o que será que aconteceu?”. Neste deslocamento, parti de uma presentificação da experiência para resgatar e ressignificar o meu vivido.

Aqui e agora chego, embora talvez um pouco atrasada no desenrolar deste texto, a um ponto do qual considero crucial: ao vir para Ladário/Corumbá eu não sabia exatamente onde seria lotada para trabalhar por aqui. Conhecia apenas a possibilidade de lotação de psicólogos no 1º Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral do Oeste (EsqdHU-61), no Hospital Naval de Ladário (HNLA) e no Núcleo de Assistência Social do Comando do 6º Distrito Naval (NAS/Com6ºDN).

Embora minha torcida fosse por uma continuidade de trabalho na área hospitalar, afinal esta ideia me soava mais confortável e familiar, fui designada para servir no NAS. Um pouco apreensiva com meu novo campo de atuação, me vi diante de mais um desafio e *desvio* neste navegar da vida. Desvio este que poderia me conectar com pessoas, lugares e práticas instigantes. Que produziria, sem dúvida, *deslocamentos*.

Embarcar no NAS me levou prontamente a lembranças de minha experiência na Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher HESFA/UFRJ, na qual eu convivía e trabalhava diretamente com psicólogas, enfermeiras e assistentes sociais no planejamento e execução de diversas atividades envolvendo prevenção e promoção de saúde. Seriam as voltas que o mundo dá me aproximando, novamente, de aprendizados tão ricos trazidos daquela vivência e da importância de partilhar diferentes saberes na construção de práticas e conhecimentos?

A primeira pessoa que me recebeu no NAS foi uma assistente social, Thatiana, paciente e acolhedora o suficiente para compreender meu estado ainda um tanto aturdido àquela altura. Enquanto ela delicadamente me apresentava às instalações do setor, eu resgatava os encontros diários da época da residência com outra assistente social, em especial, a Lívia, principal parceira de projetos e da qual eu admirava e muito me ajudara no processo

de ensaiar, ali recém-formada na graduação em Psicologia, a sair um pouco da tradicional “caixinha exclusivamente psi”.

O contato com o trabalho multiprofissional havia expandido meu horizonte para outras possibilidades de se fazer Psicologia, algo que me convidava a experimentar e criar, me permitia ter liberdade para fluir entre pedras e “*caçar jeito*”, como defende Manoel de Barros. Os limites fronteiriços entre os saberes poderiam, enfim, ser atravessados, perpassados, transbordados.

Esta experiência havia deixado não só boas recordações e aprendizados, mas uma clareza na importância de se reconhecer e considerar aspectos de outras categorias profissionais para uma escuta mais cuidadosa e qualificada no atendimento aos usuários, permitindo olhá-los a partir de uma perspectiva integral enquanto um ser biopsicossocial. Maior flexibilidade na atuação, assim como abertura para o diálogo (FERREIRA & SOARES, 2021). Talvez fosse um encontro desses, interessante, que eu precisasse e quisesse retomar.

De volta ao NAS, este é um órgão de execução (OES) do Serviço de Assistência Social ao Pessoal da Marinha (SASPM), cujo objetivo é a prestação, de forma integrada e em nível primário, de assistência nas áreas de serviço social, psicologia e direito para os militares, servidores civis, dependentes e pensionistas da área de jurisdição do Comando do 6º Distrito Naval (DIRETORIA-GERAL DO PESSOAL DA MARINHA, 2020).

Com foco prioritariamente preventivo, suas ações são voltadas para cumprir a missão de “promover a qualidade de vida da família naval” (2020), buscando minimizar os impactos de ordem social, psicológica e jurídica que possam afetar a vida laboral do usuário. Para tal, são disponibilizados atendimentos humanizados, entrevistas psicossociais, interconsulta, orientações e encaminhamentos, assim como atividades de caráter socioeducativas e socioassistenciais, como palestras, oficinas, rodas de conversas, workshops e campanhas.

Por primar pelo princípio da descentralização, o NAS atenta-se para as especificidades e necessidades locais de sua área de circunscrição, compreendendo a relevância em enfatizar temáticas afetas à fronteira Oeste do Brasil. Aqui, entende-se, por exemplo, que talvez pela facilidade da entrada de variadas drogas provenientes da fronteira com a Bolívia e do acesso e distribuição destas em diversos pontos da cidade (o que, ao contrário do Rio de Janeiro, não aparece de forma tão estigmatizada na figura do traficante altamente armado na comunidade, mas, muitas vezes, na naturalidade da casa de um vizinho onde mora uma família simples), ações em torno da prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas se façam ainda mais urgentes.

O trabalho deste Núcleo desenvolve-se de modo integrado, transversal e interdisciplinar, contando também com o apoio e parcerias de demais órgãos da Marinha (MB) e também extra-MB, sobretudo, do Serviço de Assistência Social Hospitalar (SAS-H), Abrigo do Marinheiro em Ladário (AMN) e Departamento Voluntárias Cisne Branco Seccional Ladário (VCB). Com ações conjuntas, é possível promover uma rede de cuidado, aqui entendido sob uma perspectiva ampliada.

É importante destacar que o NAS realiza suas ações por meio de Programas (aqueles encontrados nos Distritos Navais distribuídos por todo o Brasil) e Projetos (aqueles criados e voltados para a realidade local de cada distrito). No que tange as maiores demandas, observa-se que as mais solicitadas neste Núcleo são as afetas, principalmente, ao Programa de Apoio Socioeconômico (PASE). Dentro deste, este NAS tem o Projeto Pé de Meia, que visa contribuir para a prevenção e proteção das situações de vulnerabilidade social ligadas à vida financeira por meio da concessão de benefícios sociais e de atividades preventivas e reflexivas acerca da educação financeira.

Outra grande demanda se encontra no Programa de Atendimento Especial – Pessoa com Deficiência (PAE), onde os usuários cadastrados têm acesso gratuito a serviços de habilitação e reabilitação por meio da realização de diversas terapias em três clínicas credenciadas na cidade de Corumbá. Dentro deste Programa, há também o Projeto Vivendo de Inclusão, voltado para a promoção da inclusão dos usuários do PAE e para o fortalecimento e acolhimento de seus familiares.

Seguindo nesta direção, o Programa Qualidade de Vida recebe destaque com as ações do Projeto Prevenir com Qualidade, que visa contribuir para a prevenção do estresse no trabalho, prevenção ao suicídio e prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas.

Ainda neste Programa, encontra-se o Projeto Equidade entre Sexos, com o intuito de promover uma reflexão sobre questões de gênero, condutas discriminatórias em razão do sexo e ingresso das mulheres na Marinha do Brasil, inclusive, nos meios operativos; e o Projeto Reserve Mais Vida, direcionado para preparação dos militares e servidores civis a pelo menos dois anos da reserva/aposentadoria, por meio da reflexão acerca dos impactos biológicos, psicológicos, sociais, econômicos e jurídicos nesta fase de transição.

O Programa Qualidade de vida conta ainda com a ação de prevenção à conduta de risco e conseqüente adoecimento por infecções sexualmente transmissíveis; a ação de maternidade e paternidade responsáveis; a ação NAS Itinerante, com a apresentação e

divulgação dos serviços da Assistência Social nas Organizações Militares subordinadas e apoiadas.

Além disso, há também o Programa de Atendimento em Missões, voltado para atuação da Assistência Social no ambiente de missões, no que se refere ao atendimento e apoio de militares e servidores civis quando empregados em operação real ou em exercício, bem como no suporte às suas famílias (2020).

Dentro deste Programa, encontra-se o Projeto Jacarezinho, direcionado especificamente para militares selecionados para o Curso Expedito de Operações no Pantanal (C-Exp-OPant) e seus respectivos familiares. Tal projeto pioneiro teve a sua primeira versão em 2021, obtendo resultado satisfatório ao contribuir para minimizar as possíveis intercorrências de ordem social, psicológica ou jurídica decorrentes do afastamento prolongado do militar de sua família durante o curso.

Por fim, o NAS deste Distrito Naval atua ainda com o Programa de Movimentação ou Remoção por Motivo Social, assessorando os órgãos decisores em relação às solicitações de movimentação ou remoção por motivo social, por meio de estudos sociais e do acompanhamento de militares e servidores civis movimentados/removidos por motivo social (2020).

A fim de fomentar este Programa, este NAS possui o Projeto Bem-vindo ao 6ºDN, destinado a contribuir para a mitigação dos impactos negativos causados pelo afastamento da rede de apoio em virtude de movimentação ou mudança de sede. Este Projeto com atividades socioeducativas e culturais no intuito de favorecer a ambientação e integração de militares recém-embarcados no Complexo Naval de Ladário (CNLa) e de suas famílias.

Ainda sob este aspecto, é importante destacar que muitas das demandas do NAS ainda parecem representar reflexos da pandemia da COVID-19, com aumento significativo da procura por apoio social e psicológico, visto que muitos usuários apresentaram dificuldades em lidar com o isolamento e também passaram a auxiliar financeiramente seus familiares que perderam seus empregos neste período.

Assim que eu e a Thatiana (que logo se tornara a Thati, uma generosa parceira de trabalho e amiga, o maior vínculo que construí nesta cidade, a quem me levou para seu ciclo de amigos, os quais se tornaram também os meus. Com ela dividi muitas alegrias e frustrações, e senti enormemente sua partida de volta ao Rio de Janeiro, em maio de 2022) começamos a pensar *juntas* nos projetos, algo nos veio, como produto do nosso encontro: “Por que ao invés de uma palestra, não fazemos uma roda de conversa?”.

A proposta mais habitual para promoção de certas temáticas era de fazermos palestras, mas esta ideia sempre me soou um tanto desconfortante. Para além da timidez, não conseguia me ver muito naquele lugar de quem transmite um saber sobre algo a alguém que supostamente não o saberia. Pensando numa proposta de distribuição da expertise e do cuidado, a troca de opiniões e experiências promovidas por uma oficina ou roda de conversa, por outro lado, pareciam muito mais convidativas e interessantes.

Queríamos estabelecer uma relação mais horizontal de saber e poder com o outro, onde este pudesse ser também ouvido e valorizado, concordar ou discordar conosco, decidir falar ou calar, se expressar, interagir. Para tal, Quadros e Araujo (2019) alegam que “precisamos nos dispor a aprender COM o outro e não simplesmente excluir ou rotular. É necessário estar ali não como detentor de um poder, mas sim como alguém disponível a uma relação simétrica” (p.410).

Na interface pesquisa e vida, assim como no trabalho multiprofissional e nas formas de se fazer psicologia em um Núcleo de Assistência Social, pesquisar também se desenhava, para mim, enquanto uma “partilha de expertises e dispositivo de transformação recíproca que ativa a todos” (Moraes, 2010; Moraes et al. 2014; Quadros, 2014 *apud* MORAES & QUADROS, 2020, p.3). Assim, “(...) quem “saberia” são os atores envolvidos, eles seriam os “experts”, não o pesquisador” (ARENDDT, 2008a, p.7).

Neste sentido, Márcia Moraes (2010) propõe o PesquisarCOM como uma metodologia de pesquisa que marca a relevância – e urgência, dentro de engessamentos nas formas de se fazer ciência – de, em nossos processos de pesquisar, conhecer *com* o outro, ao invés de sobre o outro. Tal aposta, nem um pouco simples ou óbvia, devo destacar, traz um valioso deslocamento na pesquisa ao redistribuir *a expertise* entre pesquisador (a) e pesquisado (a), o que se traduz em atenção, respeito e cuidado na tessitura dos encontros.

Continuando nesta direção, o (com) partilhar com o outro viria a partir de um pesquisar que se dá com os atores, compondo com eles, e não sobre eles (ARENDDT, 2011). É preciso, portanto, seguir os atores e lhes formular questões interessantes e que lhes interessem, “estudando como a realidade é performada pelos atores e como estes se unem para manipulá-la, cuidá-la e colocá-la em cena” (p.185).

John Law e Annemarie Mol (2013) também destacam a atuação dos atores enquanto colaboração, onde regras, manejos e negociações tracejam o que lhes é permitido atuar e fazer. Dessa forma, nos sinalizam que não podemos perder de vista que “a diferença que

produz um ator não é previsível” (p.15) na medida em que os atores são ativos, criativos, “produzem efeitos novos e fazem coisas novas” (p.16).

Uma trama de arranjos locais e negociações parciais começa a ser, então, cuidadosamente tecida a partir das práticas de pesquisa, produtoras de realidades. Law (2003 *apud* MORAES, 2010) salienta o caráter performativo de nossas práticas, uma vez que a realidade, longe de estar pronta ou dada, é construída por uma pesquisa que se faz engajada, situada e encarnada. Pesquisar é, portanto, “engajar-se no jogo da política ontológica”, o que nos leva à seguinte provocação: “Que realidades produzimos com nossas pesquisas?” (p.42).

Trazer a questão da política ontológica para a pesquisa é também sublinhar as escolhas e posicionamentos ao longo do processo, como as rotas e desvios seguidas ou deixadas de lado, e as decisões em torno do que fica ou não nos relatos de pesquisa (MOL, 1999 *apud* MORAES; QUADROS, 2020). Tudo isso aponta para a ponderação de um compromisso ético-político enquanto pesquisadora, assim como do meu engajamento e responsabilidades com o campo, na produção de mundos e realidades a partir das práticas de pesquisa (MORAES; QUADROS, 2020).

No bojo dessa construção coletiva, dada em relação, assim como a vida nos leva a criar laços (DESPRET, 2016), pesquisar, nestes termos, requer a delicadeza de vincular atores, numa tentativa de proposições mais articuladas. Do mesmo modo, escrever também implica em fazer vinculações e fabricar histórias.

Para Despret (2016), as matrizes narrativas escolhem o que querem chamar a atenção, ou inibir. Se ela privilegia determinados aspectos e conta sempre a mesma história, de modo restritivo, pode vir a torna-se um molde narrativo, ao passo que se dispõe e se abre a contemplar outros elementos e acontecimentos, transforma-se, com isso, em uma matriz narrativa viva, capaz de agregar e proliferar outros laços, de emergir outras histórias.

Na interface da sensibilidade, ciência e arte, para Moraes e Quadros (2020), as narrativas trazem à tona “a força genuína do vivido para além do fato” (p.10), o estabelecimento de vínculos e o acompanhamento miúdo do cotidiano. Contar histórias se configura, portanto, enquanto uma “aposta política para manter ativo o campo, a pesquisa e o/a pesquisador/a” (p.9). Para Franco (2016), contar histórias é, ainda, “localizar os acontecimentos, dizer de seu entorno, mostrar quem escreve e abrir espaços para o que escapa” (p.71). Nesta perspectiva, narrar representa, com isso, um fazer existir e resistir, uma resignificação do vivido a partir das experiências narradas.

Partindo agora da minha ocupação em meu campo de pesquisa, percebo e observo como meu interesse se dá cada vez mais por uma proposta de promoção de cuidado, compreendido aqui de modo estendido e ampliado, assim como vivenciei em uma residência multiprofissional, e como percebo, hoje, ocorrer no Núcleo de Assistência Social do qual estou inserida.

Para esclarecer melhor esta visão de cuidado, Maria Puig de la Bellacasa (2012), inspirada em estudos feministas e proposições de Donna Haraway, defende uma noção de cuidado denso para se pensar o conhecimento, política e ciências sociais. Sob esta perspectiva não normativa e não moralista, busca-se uma concepção de cuidado na contramão daquelas idealizações, nas quais o cuidar e ser cuidado, por vezes, acabam circunscritos a algo bom ou reconfortante, como afeto ou empatia.

Tal autora articula cuidado e interdependência, marcando, ao mesmo tempo, o caráter relacional do cuidado e seu fundamento vital e inevitável para a existência e sobrevivência, para o sustentar e nutrir das relações. Relações estas compostas, inclusive, por desconexão, cortes, conflitos, divergência, diferenças, heterogeneidade, imperfeições e vulnerabilidade, o que não só não as invalida, como as potencializa.

Bellacasa propõe, com isso, a noção de pensar com cuidado, chamando a atenção para um cuidado conectado e engajado no fazer, pensar e conhecer das práticas cotidianas, assim como nos vínculos de compromisso coletivo presentes nestes processos responsáveis de produção de conhecimento. Além disso, “ênfatizar o “cuidado” na prática científica tem a ver não só com a contemplação da complexidade das questões sob estudo e a escuta atenciosa de vozes diversas, mas também com o “agir e intervir”” (FONSECA, 2019, p.10).

O cuidado enquanto fazer aparece também como estilo de escrita, por meio da prática de pensar-com, tornando as coisas mais “densas” (HARAWAY e GOODEVE, 2000 *apud* BELLACASA, 2012), incluindo humanos e não humanos, e oferecendo créditos para além das margens acadêmicas. Esta proposta não-normativa de modos cuidadosos de fazer e pensar e, com isso, escrever-com, busca articular, conectar e coletivizar o conhecimento, o que, nas palavras de Bellacasa (2012), cria o coletivo e povoa um mundo, constrói relação e possibilidade.

Bellacasa ainda pontua como um modo de cuidar é sempre específico, não sendo necessariamente traduzível e, eu acrescentaria, facilmente deslocado para outros lugares ou contextos. Partir de onde estamos se torna então imprescindível tanto para a criação de um

conhecimento situado, quanto para ações de cuidado atentas à singularidade e especificidade de diferentes situações.

Pensando nos contornos possíveis de cuidado presentes na fronteira do Brasil, em especial, na especificidade Brasil-Bolívia encontrada em Ladário e Corumbá, gostaria de poder conhecer, narrar e trazer histórias e percepções sobre a noção de cuidado para as pessoas viventes nesta realidade local. Me pergunto, por exemplo, se os profissionais e usuários que compõem redes de cuidado também percebem certas práticas enquanto cuidado, e se este se dá de forma diferente nesta localidade fronteiriça, quais as semelhanças ou controvérsias com as de outros lugares, como a realidade de cidades grandes ou afastadas da região de fronteira do Brasil.

Bellacasa (2012) nos indica, por fim, um possível caminho na direção do cuidado: seguir com *curiosidade* aqueles que estudamos para compreender como percebem o modo como pensamos-com suas práticas, ou imprimir curiosidade sobre o modo como cooperam, o modo como o cuidado aparece e faz fazer. Neste sentido, gostaria de dar a devida atenção que cada narrativa de cuidado merece, ao ser contada, nos termos em que ela quiser e puder ser traduzida.

Despret (2016) defende, por sua vez, que “conhecer bem requer que cessemos de retomar as histórias que criamos para que vislumbremos o que elas propõem, o que prometem, como e a que elas nos tornam mais sensíveis, o que silenciam ou tornam invisível, e o que não podem conectar” (p.16). Ou, nas palavras de Moraes (2011), “conhecer não é senão um modo de engajar-se, de performar realidades também através do que se narra” (p.178).

Esta aposta metodológica em narrativas, aqui de cuidado, se configura ainda enquanto uma política de escrita, “um modo de fazer proliferar outros mundos no campo da ciência, fazer existir outras versões para os acontecimentos.” (QUADROS; ARAUJO, 2019, p.411). Tecer essas histórias, colocá-las lado a lado, permitir coexistirem suas similaridades e diferenças, se demorar nos detalhes e nas controvérsias, “nos permite escapar da ditadura da versão única” (MORAES, 2011, p.177) e, quem sabe assim, “produzir uma versão mais interessante dessa experiência, composta de uma rede mais densa” (FRANCO, 2016, p.73)”.

Gostaria de afirmar que esta política de escrita se desenha, inclusive, em cada frase desse texto, onde escolho contar a história de minha pesquisa por meio de um diário, um diário de bordo, com registros de uma viajante psicóloga-pesquisadora apreensiva em um navegar desconhecido, repleto de surpresas, encontros e desvios compondo meu caminhar.

Neste sentido, concordo com a afirmação de Pezzato, Botazzo e L'Abbate (2019) que “assumir o lugar de quem escreve como um caminho político e metodológico é sempre uma escolha” (p.306).

A ideia de escrever por meio de um diário se construiu enquanto uma via de fluidez para dar contorno a tantas mudanças, pensamentos e emoções implicados em meu percurso. Era uma maneira de, por meio da escrita, revisitar histórias, sistematizar ideias, clarear sentimentos e materializar o pensamento, como sinaliza a artista e pesquisadora Marina Guzzo (TAB UOL), o que possibilita “poder olhar para os processos pequenos, psíquicos, íntimos, bastante subjetivos, às vezes confusos, que acontecem no nosso mundo”. Como aponta a pesquisadora, “quando a gente escreve, a gente também deixa rastro, deixa viva a possibilidade de que alguém, em algum momento, possa revisitar aquele momento, mesmo que seja eu mesma no futuro” (s barra p).

Desde o início, aspectos da minha vida pessoal me atravessaram, levando-me a compor uma trajetória antes não prevista. Ser, de alguma forma, interrompida de minha proposta inicial de pesquisa, assim como minha saída de meu habitat natural, de meu lugar de conforto no Rio de Janeiro, para chegar a um local nada parecido com meus referenciais anteriores – o que também carrega um aspecto aventureiro neste viajar, devo destacar – representaram um grande desafio a encarar. Uma reviravolta da vida, eu acrescentaria.

Além disso, eu me via inserida em um contexto pandêmico, ainda em 2021, no qual me colocava em uma condição diferente. Se por um lado, havia certo temor em vir para uma região fronteiriça em meio à pandemia da COVID-19, por outro, as circunstâncias estabelecidas por ela, sobretudo, as atividades remotas de estudo e trabalho, foram cruciais por permitirem minha continuidade no mestrado acadêmico, mesmo indo morar tão distante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Segundo o historiador Bruno Leal (TAB UOL), registrar um acontecimento “é uma tentativa de controlá-lo, isto é, de torná-lo mais inteligível diante das incertezas que marcam crises profundas como a pandemia”. Neste sentido, age como “uma forma de reafirmar nosso protagonismo e nossa capacidade de produzir narrativas estruturantes”. Já para a psicóloga e professora universitária Ana Suy (TAB UOL), por sua vez, no que tange ao contexto de isolamento provocado pela pandemia do Coronavírus, argumenta que escrever nos ajuda a nos sentir menos solitários (as): “Escrever — e se dispor para ser lido — é um modo de fazer laço”.

Dessa forma, a escrita pelo diário foi se desdobrando enquanto paciente, sensível, acolhedor e cuidadoso aliado, disposto a me apoiar e a lidar com o transbordar de meus afetos em meio às linhas, a lidar com a pandemia e o decorrer do mestrado, a lidar com inúmeros deslocamentos. Um diário que conversa, versa comigo e com tantos atores fronteiriços, e, quem sabe, versará com aqueles que, gentilmente, poderão um dia lê-lo. Diário do qual espero nos aproximar, entrelaçar e fazer *fazer* outras ideias, sentimentos, encontros, potências, possibilidades, desvios e narrativas. Diário de bordo, companheiro estimado, guia de viagem e laboratório (LATOURE, 2012), compositor de histórias e experiências.

Lançando mão de meu guia de viagem, companheiro paciente construído cotidianamente durante este navegar, resgato, por fim, outra anotação de caderno, produto de um dos preciosos encontros com colegas e professores durante o mestrado: “no fenômeno de fronteira, as afetações acontecem no *entre*”. E é exatamente para este *entre*, atravessado ou não pelo cuidado, que eu gostaria de poder acompanhar, conhecendo como o cuidado se desenha na fronteira na qual estou situada, a partir de quais práticas e traduzido por quais narrativas.

3.3 Recortes de diário: o cuidado se fazendo em ações

É exatamente disso que a vida é feita, de momentos. Momentos que temos que passar, sendo bons ou ruins, para o nosso próprio aprendizado. Nunca esquecendo do mais importante: Nada nessa vida é por acaso. Absolutamente nada. Por isso, temos que nos preocupar em fazer a nossa parte, da melhor forma possível. A vida nem sempre segue a nossa vontade, mas ela é perfeita naquilo que tem que ser

Chico Xavier

Nota: Em uma manhã comum me deparei com um *post* com essas palavras de Chico Xavier. Nada é por acaso.

Era início de novembro de 2022...

Laura (assistente social e colega de trabalho no NAS) acabava de voltar de férias. Na hora do almoço, ela me chamara para ir até a casa da mãe dela, ali pertinho, em Ladário.

Disse, brincando, para eu me sentir privilegiada, e eu de fato assim me senti, pelo convite. Ela trazia aquela leveza pós-férias e estava ainda mais animada do que o habitual. Havia visitado, entre outros lugares, o Rio de Janeiro, pela primeira vez. “Que delícia!”, pensei. Contou, com surpresa e entusiasmo, como o Cristo Redentor era realmente grande e bonito, e a quantidade de turistas estrangeiros que estavam também por lá.

Em dado momento, ela me perguntou: “Como é que vocês conseguem?”. “O quê?” – Pergunto, sem entender. “Andar daquele jeito, com aquela pressa, como se tivesse indo tirar o pai da força” – Ela ri. “Ah, não sei, acho que normalmente estamos – e, aqui, eu falava por nós, cariocas – mesmo com pressa”, respondi, achando engraçado aquela observação sobre um comportamento que me soava tão familiar, tão comum. “Acho que eu não ia conseguir, não. Imagina só, andar sem contemplar”, ela diz olhando contente a vista da janela de seu carro enquanto dirigia tranquilamente até a casa de sua mãe, a poucos minutos de nosso local de trabalho. “Contemplar a vista da janela do carro” – Em meio ao vento no rosto, repeti só pra mim.

Pensando no cuidado, gostaria de trazer dois breves recortes de diário, vinhetas de ações socioassistenciais enquanto possíveis dispositivos de promoção do cuidado.

Escolho, primeiramente, uma ocorrência ao longo do Projeto Jacarezinho.

O Curso Expedito de Operações Pantanal (C-Exp-Opant), conhecido popularmente como Jacarezinho, ocorre uma vez por ano há mais de 30 anos. Militares de todo o Brasil vem ao Pantanal com o objetivo de melhorar sua qualificação técnico-profissional em técnicas de combate específicas para o bioma Pantanal; a subsistência e o combate com a utilização dos recursos disponíveis na natureza; e a atuação como componentes de uma Força-Tarefa Ribeirinha, particularmente, nas atividades de combate fluvial e de reconhecimento especializado no contexto das Operações Ribeirinhas (MARINHA DO BRASIL).

Tendo em vista as especificidades deste curso operativo, no que tange à sua localização, isolamento, adversidades que demandam resistência e sobrevivência, além do afastamento de qualquer contato com a rede familiar e convívio social durante, aproximadamente, dois meses, e diante do histórico de evasão do curso, no qual mais de 50% dos militares costumam desistir por motivos, sobretudo, psicossociais, o NAS/Com6ºDN, em parceria com o 3º Batalhão de Operações Ribeirinhas (3ºBtlOpRib), elaborou um Projeto destinado a oferecer apoio e cuidado aos militares e seus familiares, no intuito não só de evitar desistências, mas, ainda, minimizar agravamentos decorrentes da experiência de curso e/ou de afastamento.

Fui apresentada ao Projeto logo em sua primeira versão, em 2021, pela Thati, minha amiga e antiga encarregada do NAS, idealizadora do Jacarezinho em 2020. Achei super interessante sua proposta em poder acompanhar e oferecer suporte aos militares e seus familiares. Pensei: “Nossa, o Curso existe desde 1989! Mas é agora, em 2021, que ele pôde, enfim, contar com essa força sensível em seu repertório”. Para mim, era riquíssimo podermos, também no contexto operativo e de missão, um olhar para o humano e coletivo, para o bem-estar psicossocial.

Situando um pouco o Projeto, ele conta com atividades socioeducativas e socioassistenciais em três fases distintas: preparação, apoio e desmobilização. Na fase de preparação, anterior ao período de afastamento, há uma apresentação do Projeto e do Curso, assim como um levantamento de demandas iniciais, expectativas e motivações, estressores inerentes à missão e redes de apoio. Conta, portanto, com um levantamento psicossocial e orientação jurídica. Na ocasião, o NAS também apresenta seus serviços, colocando-se à disposição para o desdobramento de atendimentos.

Durante a fase de preparação pude ter contato com militares ávidos pela experiência que o C-Exp-Opant representava em sua carreira, assim como pelo reconhecimento que ansiavam com a sua conclusão. Lembro de ouvir muito a palavra “sonho”, ao contarem sua relação com o Curso, enquanto eu me perguntava: “ninguém aqui está com medo?”. Contato também com seus familiares, esposas em sua maioria, orgulhosas e por vezes preocupadas com o período de afastamento que estaria por vir.

Já na fase de apoio, que visa promover cuidado ao militar e sua família durante a missão, observamos uma redução gradual de integrantes no C-Exp-Opant. Ao final deste, aproximadamente metade do quantitativo inicial retornava para suas casas, e famílias, recebendo as honras de conclusão daquele feito.

Era agosto de 2022. Eu e Laura, assistente social, nos preparávamos para a atividade da fase de desmobilização do Projeto Jacarezinho, atividade de retorno com os militares que concluíram o C-Exp-Opant.

Em uma roda de conversa, desenhada com fios de um novelo que passava das mãos de um para o outro, os militares compartilharam suas vivências ao longo do curso e contaram como foi conviver afastado da família. Em dado momento, um deles começa a citar o que e como cada um de seus companheiros o havia ajudado ou contribuído para motivá-lo a permanecer (e sobreviver) no isolamento, ou para harmonia e desempenho do grupo como um todo.

A trama foi seguindo antes um caminho não imaginado, e pouco a pouco aquele espaço se viu repleto da troca de elogios em tom de sincera gratidão. Foram citados desde o gesto mais sutil, e talvez (quase) imperceptível, de um colega ajeitar a gola da farda de seu “campanha” (termo utilizado entre os militares que compartilham determinada circunstância) como a motivação para não desistir em um dia difícil, até o compartilhar de comida ou ajudar no deslocamento de um colega com exaustão física em uma situação mais extrema.

Era visível o sentimento de pertencimento tecido, assim como o de reconhecimento da importância de cada um e do todo para aquela vivência. Percebo a emoção de alguns, e me sinto tocada por aquela energia. Pergunto se eles já tinham tido a oportunidade de falarem e ouvirem sobre isso antes. Eles se olham e respondem que não. Me pergunto se eles também percebem a dimensão dessas palavras e atitudes na travessia de seus colegas, e na deles mesmos e me sinto feliz por eles poderem, ali, naquele espaço, poder falar e ouvir.

Penso: quantas formas de cuidado foram construídas ao longo desta experiência! Cuidar do outro que, apesar de ter sido fundamental para a existência de cada um, não estava dado. Cuidado construído coletivamente na adversidade, reconhecido enquanto irmandade. Cuidado que, ao cuidar do outro, não deixava, por outro lado, emergir um abandono de si. Cuidar e ser cuidado. Poder cuidar e se permitir ser cuidado. Cuidado enquanto potência para resistir pela via do afeto.

Quanto à experiência de participar do Projeto, os participantes pontuaram a importância da preparação psicológica no enfrentamento dos desafios durante o Curso, sobretudo, da saudade da família, e destacaram a construção de um coletivo marcado por parceria, cuidado e apoio mútuo para motivação e superação de cada um e do grupo como um todo. Os olhares eram, ali, de cumplicidade. Um deles brinca que só ali podíamos o ver “marejar o olho”. Entendo quão íntimo e único poderia ser aquele momento. Outro declara, agradecido, sua confissão: “Ninguém soltava a mão de ninguém”.

Outra ação de cuidado escolhida se deu na oficina “Aspectos Psicossociais na Transferência para a Reserva/Aposentadoria”, no Projeto Reserve Mais Vida.

Era outubro de 2022.

Essa oficina seria realizada por mim e pela Laura, assistente social que serve comigo no NAS. A data marcada acabou caindo bem nas férias dela, e tive que fazer sozinha. Já havia realizado a atividade antes, sozinha, mas queria que dessa vez, o cuidado aparecesse de modo mais amplo, com a presença não só de uma querida parceira de trabalho, mas, sobretudo, de um saber dividido e, com isso, compartilhado.

Quando conheci o Projeto Reserve Mais Vida, havia a intenção que, dentre as atividades, tivesse uma palestra voltada para falar dos aspectos psicológicos na transição para a reserva (no caso de militar) ou aposentadoria (para o servidor civil). Na primeira versão da oficina, realizada em novembro ou dezembro de 2021, usei, então, o termo “aspectos psicológicos” para abordar o tema. Dessa vez, resolvi mudar para “aspectos psicossociais”, uma tentativa de que o social ganhasse, também, um protagonismo (merecido) no processo de preparação para essa fase tão importante da vida.

A atividade era a última do Projeto, que já havia contado com palestra sobre “Apresentação do Projeto e Dinâmica de Integração”, “Envelhecimento ativo”, “Direitos e Deveres dos Veteranos” (termo relativo à condição do militar na reserva), “Educação Financeira” e um “Curso de Empreendedorismo”. Isso significa dizer que a ela também cabia um clima de finalização e fechamento do que eu considero uma sementinha de cuidado com o público que tem, em seu horizonte próximo, a ida para casa. Um espaço que aposta na importância de uma preparação, na oportunidade de se parar, pensar e falar sobre algo que, inevitavelmente, vai acontecer. Para satisfação e desejo de uns, para desespero e negação de outros.

Eu estava um pouco nervosa nesse dia. Coincidiu de ser em uma semana na qual me sentia bastante cansada, inclusive mentalmente e energeticamente. Lamentei não ter a presença da Laura na atividade. Sua presença alegre sempre preenche o ambiente, torna o respiro mais sustentável.

Apesar disso, sentia que, dessa vez, fluiria bem. Me sentia um pouco mais segura comparada à primeira versão.

Em dado momento, peço que eles escrevam uma carta ou bilhete ao seu “eu futuro” da reserva, contando, confidenciando, pedindo, questionando, compartilhando, enfim, expectativas e afetos. Distribuo folhas para o grupo e pergunto se eles gostam de música. Um dos participantes, que tem um projeto de trabalhar com música quando for para a reserva, logo respondeu com entusiasmo: “Claro! Eu sou dj!”. Assim, coloco em som baixo, para não atrapalhar a escrita, mas audível o suficiente, a música “Tempo perdido”, na voz do saudoso Renato Russo.

“Todos os dias quando acordo
Não tenho mais
O tempo que passou
Mas tenho muito tempo

Temos todo o tempo do mundo
 Todos os dias
 Antes de dormir
 Lembro e esqueço
 Como foi o dia
 Sempre em frente
 Não temos tempo a perder (...)
 Tempo Perdido – Legião Urbana)

Não lembro quando começou a chover, mas no momento em que os participantes conversavam com seus “eu futuro” ao som desta linda canção, percebi a chuva lá fora. Dava pra ouvir seu barulho, e eu sorri por dentro pela “coincidência” daquela “tempestade que chega” da “cor dos teus olhos castanhos”. Aquele momento fez tanto sentido para mim, que toda a minha energia pareceu recarregar, ao menos durante a oficina, e eu mesma me senti dançando com meu “eu” em vários tempos. “Temos nosso próprio tempo”, agradecei.

Ao final da oficina, misturo as cartas e entrego aleatoriamente uma para cada participante, que lê para os demais colegas. Em meio às leituras, olhares compreensivos e generosos com todos aqueles “eu futuro” seguiram as palavras, misturadas a comentários, como “gratidão”, “satisfeito”, “esperança”, “preparo”, “me sinto preparado. Venho me desligando da Marinha há dois anos”, “antes estava preocupado. Mas, agora, participar do projeto abriu meu leque de oportunidades”.

Quase todas as cartas foram levadas por aqueles que as leram, mas uma delas foi deixada sobre a mesa:

Querido futuro, quero estar feliz, alegre a cada minuto com quem mais amo. Quero cantar, tocar um louvor de gratidão a Deus. Quero estar em paz, saboreando cada instante. Transmitindo o que eu aprendi na brilhante carreira na Marinha. Contando as experiências vividas. Sorrindo, amando e sendo feliz. (autor não identificado).

“Sorrindo, amando e sendo feliz”. Eu também, pensei. Cuidando do outro, cuidando de mim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A VIAGEM CONTINUA DEPOIS DO PONTO FINAL

Não foi fácil chegar até aqui. Por diversas vezes, o mar se mostrou tão revoltado quanto as emoções que habitavam em mim. Até nos tempos de calma, o mar continha uma indefinição e, ao mesmo tempo, uma grandeza em seu navegar que era difícil de sustentar. Nem só, ou totalmente, no controle nem à deriva, a viagem seguiu, com idas e vindas, ganhos e perdas, desvios, até o ponto em que chegamos aqui.

Gostaria de pontuar uma escolha em não trazer mais, para certos relatos e resgates no texto, um teor dramático ou sofrido que por muito tempo me acompanhou nesta travessia. Prefiro contá-los de outra forma. Seleciono, portanto, outras palavras para dar conta de pensamentos diferentes, sentimentos ambíguos, e caminhos diversos. Ou melhor, permito o emergir de outros modos de narrar e, com isso, outras versões podem surgir. Versões que combinem mais com o meu estado de espírito atual ou com aquilo que acredito que poderiam se tornar, se transformar. Versões que me ajudem a habitar territórios, a compor mundos e a ressignificar o sentido da experiência.

Sabe aquela máxima de “o pensamento tem poder”? Ou seriam as palavras? Bondía (2002, p.21), ao afirmar o poder das palavras e de seus efeitos no mundo e em todos nós, defende que:

As palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso.

Então, não só como o poder das palavras, mas também o poder das versões é inegável, “levo o navegar devagar” – parafraseando o grupo musical Los Hermanos, no verso “levo a vida devagar pra não faltar amor”, de sua música “O Vencedor”. Renovando águas, deixo de lado certas histórias e sigo com aquilo que faz sentido ficar.

Esse talvez tenha sido o primeiro aprendizado desta pesquisa: o poder das palavras dão o tom dos acontecimentos, atuando na descrição da experiência e na ressignificação do vivido.

Guzzo et al. (2019) chamam a atenção para um dos principais efeitos da escrita sensível: “a possibilidade de elaboração daquilo que foi vivenciado: ao expressar o pensado, o refletido e o sentido, consegue-se também compreender, a partir de outra perspectiva, quais foram as implicações da experiência” (p.7).

A escrita por meio do diário de bordo possibilitou a elaboração de minha movimentação para Ladário e todos os atravessamentos implicados nela. Assim, pude me deslocar de muitas formas. Encontrar e desencontrar. Experienciar o tempo de uma cidade pequena fronteiriça. Nas palavras de Bondía (2002), é experiência aquilo que nos transforma. Aqui, eu acrescentaria: posso dizer que transformei e fui transformada pela viagem-travessia de pesquisar e escrever minhas experiências ao longo da pesquisa e escrita da dissertação.

Da mesma forma, a escrita em diário permitiu uma (re) organização dos pensamentos e emoções. Mais do que isso, tal escrita se fez política de escrita ao validar formas sensíveis de narrar, escrever e pesquisar em Psicologia Social e estudos acadêmicos de caráter qualitativo, atuando, com isso, em outras formas de produção de conhecimento científico.

Outro efeito da escrita diarística está na própria produção de sensibilidade na relação com o outro, na percepção do dito e não dito (ou, quem sabe, do não traduzível), “o que nos prepara para a escuta e olhar sensível em todas as situações” (GUZZO et al., 2019, p.11). Os autores sublinham, ainda, como, no contexto de formação em saúde, por exemplo, a escrita de diários contribui para uma compreensão mais abrangente de cuidado, o que pode refletir, na prática, em ações de acolhimento e humanização em saúde.

Sob esse aspecto, acredito que a política de escrita de um diário de bordo promoveu um cuidado ampliado em muitas direções: cuidado com as pessoas, animais e paisagens pantaneiras; cuidado com minha existência sensível; e cuidado em pesquisar *com* proposições não modernas em Psicologia. Cuidado para ouvir, falar e calar. Cuidado para escrever. Cuidado para legitimar histórias e, com isso, multiplicar as versões.

No âmbito do cuidado, tal escrita também possibilitou um encontro cuidadoso comigo mesma em várias dimensões, se tornando, assim, uma escrita a muitas mãos: enquanto mulher, psicóloga, militar e pesquisadora. Entre concordâncias e controvérsias, todas nós conversávamos sobre os impactos que uma mudança no rumo da vida abatera sobre nossas certezas e caminhos, até então, seguros (ou assim achávamos). Cada faceta pôde dar visibilidade aos seus afetos, confessar suas alegrias e dores, e, assim, escrever sua própria história. Tal convivência e diálogo ressoaram ainda numa multiplicidade de aprendizados.

Enquanto pessoa, espiritualizada, pude confirmar que nada é por acaso. Não sei o porquê, mas talvez eu precisasse passar por todas as experiências implicadas na mudança de rumo de minha vida advinda de uma movimentação no trabalho para uma realidade totalmente diferente. Sofri, cresci, amadureci. Me fechei e me abri. Convivi com paradoxos internos e confusões emocionais. Me permiti (me) conhecer. Ocupei espaços. Visitei belos lugares. Me conectei com a natureza. Desapeguei das certezas e do controle. Mergulhei no novo. Me achei e me perdi diversas vezes. Estabeleci laços e conexões. Formei redes. Fiz amizades pantaneiras muito queridas e cruciais nessa viagem-travessia, das quais sou imensamente grata por cada uma que apareceu em meu caminho. Experimentei um outro tempo. Aprendi um outro modo de viver.

Enquanto mulher, pude reconhecer a minha dimensão sensível, renegada desde a infância. Validar essa potência se fez fundamental para um existir e resistir femininos, que se (re) afirmaram em vivências culturais na fronteira do Brasil. Para isso, contei com a força sensível de tantas outras mulheres que li, ouvi, encontrei, acompanhei. Aprendi a costurar laços e a não ter vergonha de minha herança.

Já enquanto militar, pude habitar um campo predominantemente masculino, conhecer parte de um contexto institucional e clima organizacional, e vivenciar suas tradições próprias, algo que não era tão evidente na Organização Militar da qual servia no Rio de Janeiro. No bojo dessa outra realidade, precisei me adaptar e me colocar com outra postura frente às pessoas e situações. Formei. Corri. Nadei. Andei de helicóptero sobrevoando o Pantanal até regiões de Mato Grosso. Com paciência e sutileza, busquei brechas possíveis na direção de um olhar sensível para o (a) militar, de um cuidado, em seu sentido ampliado, com a tripulação. Cuidado com o (a) campanha, companheiro (a) de farda, cuidado com os pares, superiores e subordinados.

Enquanto psicóloga, por sua vez, pude resgatar experiências multiprofissionais dos tempos de residência e estreitar novas trocas de saberes. Pude ocupar espaços não tão usuais dentro da Psicologia e estabelecer práticas articuladas em um Núcleo de Assistência Social, dialogando prevenção e cuidado junto com amigas e parceiras de um trabalho que se fez em relação. Aprendi tanto com todas elas. Que orgulho de seus fazeres! Que orgulho do trabalho que construímos juntas.

Enquanto pesquisadora, tive o privilégio de navegar com proposições sensíveis e potentes, como a Teoria Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour; Ciência no Feminino, de Isabelle Stengers; noção de Versão, de Vinciane Despret; *PesquisarCOM*, de Marcia Moraes;

e Pesquisa Artesanal, de Laura Quadros. Tais e outras inspirações me ajudaram a pensar e a compor uma política de escrita e política de pesquisa atenta às miudezas do cotidiano, aberta às experiências e disponível às afetações. A bordo dessas alianças, aprendi com Donna Haraway (1995) que a escrita na ciência é local, situada e encarnada, sendo também “uma forma de povoar o mundo. Uma forma de fazer mundo” (MORAES, TSALLIS, 2016, p.44).

Dessa forma, pude experienciar uma escrita diarística capaz, também, de produzir conhecimento, fazer ciência e suscitar reflexões. Ou, nas palavras de Borges e Silva (2020, p.5), seu uso possibilitou “parar para olhar de outra forma a prática profissional e o ato de pesquisar”.

Aprendi (e sigo, cada dia, aprendendo), ainda, a (tentar) suspender os a prioris científicos e seguir as pistas do campo. Aprendi que a pesquisa *já* começou. Aprendi que os achados da pesquisa são provisórios e o conhecimento é situado. Aprendi que a errância pode ser promissora. Aprendi que as histórias são sempre no plural, e que, como diriam Moraes e Tsallis (2016), “muitas histórias importam” (p.48). Aprendi que a pesquisa pode ser viva e o pesquisador (a) não precisa ser neutro (a). Aprendi, portanto, que pesquisa e vida caminham lado a lado.

Morar, trabalhar, pesquisar e escrever em Ladário me levaram, então, a apreciar, como me mostrou a Laura, assistente social ladarense, a “contemplar a vista da janela do carro”, apreciar a paisagem e aprender a lentidão. Tem uma passagem de Bondía (2002, p.24) que, ao meu ver, resume e ilustra um aprendizado valioso caro às vivências desta pesquisa e que pode ser encontrado e aplicado em todas àquelas dimensões:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Tendo em vista estas e muitas outras mãos que participaram da composição dessa escrita diarística e, segundo Oliveira (2019), “buscamos seguir os rastros das diferentes vozes que nos constituem, de modo a performarmos escritas de si polifônicas” (p.179). Ainda para tal autor, tudo isso faz com que os registros, que aqui aparecerem sob o formato de diário de bordo, sejam “singulares, mas também múltiplos e compartilhados” (p.183).

Por fim, é importante destacar que todas as considerações apresentadas estão longe de se esgotar. Pelo contrário, além de não ter caráter conclusivo, este trabalho, bem como a política de escrita aqui adotada, busca suscitar muitas outras reflexões, escritas e pesquisas possíveis na direção de práticas e metodologias em consonância com a ordem sensível do vivido. Sob esse aspecto, esperamos que o diário de bordo, “como mote provocador para investigações”, possa se configurar “como um recurso que pode ainda se reverberar em uma nova textualidade. E, com isso, uma nova criação...” (LARCHER, 2019, p.109).

E, assim, este diário de bordo se ensaia rumo a um desfecho inacabado. Obrigada pela companhia a bordo de um barco construído e sustentado por pequenas histórias escritas a muitas mãos. Obrigada pela generosidade em ser mais uma mão companheira ao ficar comigo até aqui e, com isso, testemunhar de alguma forma as surpresas, desafios e aprendizados dessa viagem-travessia.

Apesar do tom de despedida, ou melhor, de um afetuoso “até logo”, como aqueles dados logo no início deste navegar com a minha movimentação do Rio de Janeiro para Ladário, fico na espera *esperançosa* de que possamos nos reencontrar em outras e novas águas, ou, quem sabe, portos.

Sei que essa história, talvez de vida, ainda não terminou. Mas agora peço licença para seguir, ainda que nunca estejamos só, nesta viagem de uma mulher-militar-psicóloga-pesquisadora navegando na fronteira oeste do Brasil. Não sei ao certo até quando, onde nem com o quê posso me deparar, mas sinto que, agora, o mar saberá me achar.

Compartilho, por fim, uma última imagem, a qual elejo, após dois anos de processo de escrita e pesquisa desta dissertação, como cartão-postal desta viagem-travessia (Figura 23): as águas do Rio Paraguai. Dela extraio confusão e paz, beleza, potência, vivacidade, sensibilidade, fluidez, cores, histórias, memórias, afetos. Nela me demoro um pouco mais até transbordar em algumas águas de lágrimas. *Com* ela escolho ficar e aprendo a navegar e a viver em movimento.

E como a viagem sempre continua depois do ponto final, deixo este diário de bordo aberto, mais uma vez, às leituras, escritas, encontros e a tudo o mais que está por vir.

Figura 23 – Encontro rio e céu



Encontro rio e céu no Rio Paraguai: confundindo-se com uma pintura, este registro fotográfico, sem efeitos ou filtros dos aparatos tecnológicos atuais, mostra as nuvens do céu, refletidas sob as águas do rio. O movimento do barco, ao navegar, produz pequenas ondas que misturam-se com as nuvens refletivas no rio. Rio e céu então se encontram para dançar em sintonia. Fonte: Foto tirada, em maio de 2023, pelo Tiago, meu companheiro, a bordo de um navio em missão, navegando pelo Rio Paraguai de Ladário rumo a Assunção, capital do Paraguai, 2023.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARENDT, R. J. J. A pesquisa em psicologia social: substantiva e processual. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 6(2), São João del-Rei, ago./dez. 2011.

_____. Maneiras de pesquisar no cotidiano: contribuição da teoria do ator-rede. *Psicologia & Sociedade*, v.20, n. especial, p. 7-11, 2008a.

_____. O poder da criação. *Mnemosine* (Rio de Janeiro), v. 4, p. 169-181, 2008b.

_____.; QUADROS, L.C.T.; MORAES, M.O. Digressões acerca da noção de estilo: contribuições para uma perspectiva não moderna do eu. *Psicologia & sociedade* (online), v. 31, p. 1-16, 2019.

BELLACASA, M. P. “Nada vem sem o seu mundo”: pensando com cuidado. *The Sociological Review*, 60:2. 2012.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

BORGES, F. A.; SILVA, A. R. N. O diário de pesquisa como instrumento de acompanhamento da aprendizagem e de análise de implicação do estudante/pesquisador. *Interface (Botucatu)*. 24: e190869. 2020.

CÂMARA MUNICIPAL DE CORUMBÁ. Disponível em: <<http://www.camaracorumba.ms.gov.br/noticia/vereador-reforca-pedido-pela-revitalizacao-e-manutencao-do-cristo-rei-do-pantanal>>. Acesso em: 08 de jun. 2022.

CERTEAU, M. *A Invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DESPRET, V. As Ciências das emoções estão impregnadas de política? Dossiê Despret. In: *Revista Fractal de Psicologia*, Niterói, v. 23 n.1, jan./abr. 2011a.

_____. *Ces emotions qui nous fabriquent*. Paris: Empecheurs Penser en, 1999.

_____. Leitura Etnopsicológica do segredo, Dossiê Despret. *Revista Fractal de Psicologia*, Niterói, v. 23, n.1, jan./abr. 2011b.

_____. O que diriam os animais se... Tradução de Cícero de Oliveira. Edição Chão da Feira, *Caderno de Leituras*, n.45. 2016.

_____. V como Versões. Tradução de Ronald Arendt. 2013. In: _____. *Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?*, Empêcheurs de penser en rond, coll. « La découverte», 2012, p.230-242., ISBN: 978 2 359 25058 9. Éditions La Découverte, 2012.

DESPRET, V. Vinciane Despret comenta as apresentações de Márcia Moraes e Ronald Arendt. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 6(2), São João del-Rei, ago./dez. 2011c.

DIRETORIA-GERAL DO PESSOAL DA MARINHA. *Publicação DGPM-501: NORMAS SOBRE A ASSISTÊNCIA SOCIAL NA MARINHA DO BRASIL*. 7ª revisão. 2020.

DURAN, M. C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.

ESPÍRITO SANTO, A. L. DO; DA COSTA, E. A.; BENEDETTI, A. G. A Feira Livre de Corumbá/MS na fronteira Brasil-Bolívia. *Boletim de Geografia*, v. 35, n. 3, p. 93-108, 8 set. 2017.

FERREIRA, I. S. S.; SOARES, C. T. Residência multiprofissional em saúde e formação de psicólogos para o SUS. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, 1-14. 2021.

FONSECA, C. L. W. “Crianças, seus cérebros... e além: Reflexões em torno de uma ética feminista de pesquisa”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e56169, 2019.

FRANCO, L. O. P.. Método, escrita e narrativa: Histórias de um grupo de chegou à velhice. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 11, p. 69-74, 2016.

FUNDAÇÃO DE CULTURA DE MATO GROSSO DO SUL (FCMS). Disponível em: <<https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/chamame-e-registrado-como-bem-de-natureza-imaterial-de-mato-grosso-do-sul/>>. Acesso em: 02 de maio de 2022.

GOTTLIEB, L. *Talvez você deva conversar com alguém: uma terapeuta, o terapeuta dela e a vida de todos nós*. Tradução de Elisa Nazarian. 1 ed, 11 reimp. São Paulo: Vestígio, 2021.

GUZZO, M. et al. Diário dos diários: o cotidiano da escrita sensível na formação compartilhada em saúde. *Interface* (Botucatu. Online), v. 23, p. 170705, 2019.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, São Paulo, v. 5, p. 7-41, 1995.

JACQUES, R. O Trabalho De instauração Sob a Esfinge Da Obra a-Ser-Feita Na Floresta Dos Virtuais: Uma introdução à Filosofia De Étienne Souriau. GIS - Gesto, Imagem E Som - *Revista De Antropologia* 4 (1). São Paulo, Brasil: 337-53, 2019.

LARCHER, L. O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas. *ouvirOUver*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 100–111, 2019.

LATOURE, B. *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2016. 213 p.

_____. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA-Edusc, 400 p., 2012.

LAW, J., MOL, A. *O ator-atuado: a ovelha de Cumbria em 2001*. Tradução de Leomir Cardoso Hilário, 2013.

LISPECTOR, C. *Das vantagens de ser bobo*. *Portal da Crônica Brasileira*. Disponível em: <<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/12665/das-vantagens-de-ser-bobo#:~:text=Publicada%2C%20originalmente%2C%20no%20Jornal%20do,se%20mexer%20por%20duas%20horas.>>. Acesso em: 14 de fev. 2022.

LOMBA, D. E. N.; QUADROS, L. C. T.; SOARES, L. L. M.. Nas malhas da rede com Clarice Lispector... aproximações entre a escrita clariceana e a escrita na TAR. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online), v. 15, p. 27-39, 2015.

MARINHA DO BRASIL. Comando do 6º Distrito Naval. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/com6dn/>>. Acesso em: 09 de fev. 2022.

MARINHA DO BRASIL. Comando do 6º Distrito Naval. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/com6dn/node/2114>>. Acesso em: 05 de nov. 2022.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/bambole/noticia/bambole.ghtml>>. Acesso em: 20 de março de 2023.

MINISTÉRIO DA DEFESA. *Portaria Normativa nº 013/MD*, de 5 de janeiro de 2006. Disponível em: <https://mdlegis.defesa.gov.br/norma_pdf/?NUM=13&ANO=2006&SER=A>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

MORAES, L. M. *Treze contos verdadeiros que ninguém ousaria duvidar*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

MORAES, M. Pesquisar: verbo ou substantivo? Narrativas de ver e não ver. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 6(2), São João del-Rei, p. 174-181, 2011.

_____. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M. e KASTRUP, V. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.

_____.; QUADROS, L. C. T. Ciência no feminino e narrativas de pesquisa: PesquisarCOM e a artesanaria na pesquisa. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(3), São João del-Rei, p.1-14, 2020.

_____.; TSALLIS, A. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Revista Polis e Psique*, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 6, p. 39-50, 2016.

OLIVEIRA, E. C. S. et al. “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. *Fractal: Revista de Psicologia - Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas*, Niterói, v. 31, n. esp., p. 179-184, set. 2019.

O PANTANEIRO. Disponível em: <<https://www.opantaneiro.com.br/geral/sopa-paraguaia-e-chipa-nao-faltam-na-mesa-do-sul-mato-grossense-na/167727/>>. Acesso em: 12 de jun. 2022.

PEDRO, R. M. L. R.; MOREIRA, M. C. Do Mal- Entendido Promissor à Multiplicação de Vozes: considerações acerca das estratégias metodológicas para a elaboração de uma Cartografia de Organizações da Sociedade Civil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online), v. 15, p. 1398-1412, 2015.

PEZZATO, L. M.; BOTAZZO, C.; L’ABBATE, S. O diário como dispositivo em pesquisa multicêntrica. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 296-308, jun./set. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ. Disponível em: <<https://www.corumba.ms.gov.br/minha-corumba/>>. Acesso em: 20 de fev. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ. Disponível em: <<https://www.corumba.ms.gov.br/2020/01/concurso-garoto-e-garota-corumba-acontece-domingo-no-porto-geral/>>. Acesso em: 07 de jun. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LADÁRIO. Disponível em: <<https://www.ladario.ms.gov.br/portal/servicos/1001/historia/>>. Acesso em: 20 de fev. 2022.

QUADROS, L. C. T. O chamado da pesquisa: um esboço não linear como proposição para um PesquisarCOM. In: SILVEIRA, M.; MORAES, M.; QUADROS, L. C. T. (Org.). *PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em psicologia*. 1ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2022, v. 1, p. 65-83.

_____. O cotidiano de uma Gestalt-terapeuta: a clínica dos pequenos acontecimentos. In: PRESTRELO, E. T.; QUADROS, L. C. T. (Orgs). *O Tempo e a Escuta da Vida: configurações gestálticas e práticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014.

_____. Uma trama tecida com muitos fios: O pesquisar como processo artesanal na Teoria ator-rede. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, v. 15, n.4, p. 1181-1200, 2015.

_____.; ARAUJO, E. S. O fazer na clínica e na pesquisa: um ensaio acerca dos entrelaçamentos indivisíveis e enfrentamentos na escrita. In: QUADROS, L. C. T.; MORAES, M. O.; BONAMIGO, I. S. (Orgs). *Pensar, fazer e escrever: o PesquisarCOM como política de pesquisa em psicologia*. Chapeco, SC: Argos. 2019.

SERRES, M. *Hominescência*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

SILVA, A. J. N. D. S.; PASSOS, C. L. B. P. Querido diário: o que dizem as narrativas sobre a formação e futura prática do professor que ensinará matemática nos anos iniciais. *HIPÁTIA - Revista Brasileira de História, Educação e Matemática*, Campos do Jordão, Dez. 46-57. 2016.

SILVEIRA, P. D.; ALVES, E.; AXT, M. Experiência docente e produção de sentidos. *Travessias*. Cascavel, v. 2, n. 3, 2010.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. *Encantamento: Sobre Política de Vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial. 2020.

STENGERS, I. A Ciência no Feminino. Tradução de Alexandre Belford. *Revista 34 Letras*, 5(6), p. 427-431, 1989.

TAB UOL: *Repórteres na Rua em busca da Realidade*. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/19/querido-diario-por-que-a-pandemia-inspira-tantos-registros-autobiograficos.htm>>. Acesso em: 18 de março de 2023.